A E.S.A.

ANO III — N.º 3
DEZEMBRO DE 1951

TRÊS CORAÇÕES
MINAS GERAIS - BRASIL

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS

LOUREIRO · 1951

GAB. FOTOCART. DO M.G.

O significado do estandarte da Escola de Sargentos das Armas

Luiz Gomes Loureiro

O estandarte da Escola de Sargentos das Armas, atravéz de suas cô-
res e símbolos representa a pujança das quatro Armas do Exército,
ligadas entre si pela cadeia de louros e frutos, numa moldura de riqueza
e esplendor que é como a expressão histórica de sua trajetória de hon-
ra, dignidade e patriotismo.

E' a exaltação do culto militar como cúpola espiritual daqueles
que buscam, no estudo e nas vigílias, enobrecer a classe para melhor
honrar e dignificar a Nação, nas suas vicissitudes.

Seu campo verde evoca a magnífica Escola de Sargentos da In-
fantaria, de cujas cinzas provém e lhe dá culminância a E. S. A. vence-
dora de nossos dias; a bordadura de vermelho é a guerra, o entusiasmo
da luta, o vigor do sangue, a vida em suma.

Ao centro do campo, a quaderna da Escola, símbolo da coesão
das quatro Armas, sôbre fundo esmaltado das côres heráldicas que
perlustram os brasões de Osório e Andrade Neves, os herois feitos no-
bres no campo da honra.

Sentido, Sargentos das Armas! O estandarte que ostentais nos
desfiles e paradas, ondulando ao garbo marcial da Escola em marcha é
mais que um lábaro sagrado de guerra, porque é um pendão escolar,
símbolo de transformação e aprimoramento, fanal de glória e sacrifício,
lembrança perene de tôdas as virtudes cívicas e militares que fazem do
cidadão o soldado instruído, disciplinado, consciente e capaz de todos os
cometimentos, na defesa da soberania nacional.

Salve, Escola de Sargentos das Armas! Salve, estandarte de
honra! Salve, o Brasil!

Rio, 26 de Março de 1952.

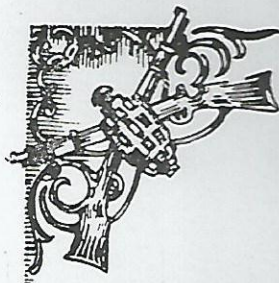
Homenagem

Ao Gen. Canrobert Pereira da Costa
o creador da E. S. A.

Homenagem

Gen. Mario Travassos
Diretor de Ensino do Exército

Homenagem

Ao Cel. Miguel Lage Sayão
com o reconhecimento dos Sargentos
da Turma de 1951

A ESA

ORGÃO CULTURAL E ESPORTIVO

DA

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS

FUNDADA EM 1949, NO REALENGO

DIREÇÃO DO CAP. IVANILDO ANDRADE DE OLIVEIRA
CHEFE DO SERVIÇO ESPECIAL

ANO III | DEZEMBRO DE 1951 | NUM. 3

SUMÁRIO:

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS

Passado, Presente e Futuro

Cel. Miguel Lage Sayão

A Escola de Sargentos das Armas, conhecida também como E.S.A., resultante da abreviatura regulamentar de sua designação, foi criada por Decreto Lei nº 7.888, de 21 de Agosto de 1945, sendo-lhe destinada parte do 1º páteo do antigo edifício da Escola Militar, em Realengo, onde foi solenemente instalada em 4 de Janeiro de 1946.

Com êste auspicioso acontecimento que veio sanar uma grande lacuna existente no Exército Nacional, principalmente após a extinção da reconhecida e eficaz Escola de Sargentos de Infantaria que servia, infelizmente, só para dotar a nossa heróica Infantaria de hábeis e capazes Sargentos, estava corporizada a idéia do então Diretor de Ensino do Exército, o saudoso General Gustavo Cordeiro de Farias idéia que além de cogitar da fundação da Escola, também englobava outra de maior vulto e coragem, consistindo em crear um núcleo essencial de instrução, com escola e tropa própria para trabalhos de tôda a espécie denominado Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo, que, até hoje, presta relevantes serviços ao Exército.

Organizado o Comando e o quadro de Oficiais para a Escola, compuzeram a primeira leva de seus dirigentes, cuja escolha foi feita com acêrto e inteligência, entre outros, os seguintes Oficiais:

Ten. Cel. Miguel Cardoso Cmt.;
Major Francisco Roberto de Figueiredo Barreto - Sub-Cmt. e Sub-Dir. de Ensino;
Major Claudionor Macário dos Santos - Fisc. Adm.;
Major Djalma Torres da Costa Pereira - Cmt. do Corpo de Alunos;
Capitão Carlos José Proença Gomes - Ajudante Secretário;
Capitão Aloizio Guedes Pereira - Adj. da D. E.;
Capitão Moacir Nunes Assunção - Adj. do C. A.
Capitão Justo Moss Simões dos Reis - Instr. de Ed. Fisica;
Capitão Durval de Alvarenga Souto Maior - Instrutor-Chefe do Curso de Artilharia;
Cap. Oscar Torres Paranhos - Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria;
Capitão Otavio Ferreira Queiroz - Instrutor-Chefe do Curso de Engenharia;
Capitão Sidney Simões e Silva - Instrutor de Infantaria;
Capitão Alberto Jorge Farah - Instrutor de Infantaria;
2º Ten I. E. Antonio Cabral de Medeiros - Almox. e Aprov.
1º Ten. I. E. Eloy Fernandes Penna - Tezoureiro;

Êste grupo de Oficiais, que constituiu o Núcleo da Escola de Sargentos das Armas, começou suas atividades nos primeiros dias do ano de 1946, num trabalho insano de preparação das instalações, que tiveram que sofrer grandes serviços de adaptação e reparos, bem como da elaboração das questões para o 1º exame de admissão e confecção dos programas de instrução.

Com a publicação do Primeiro Boletim Interno, no dia 4 de Janeiro de 1946, o Ten. Cel. Miguel Cardoso assumiu o Comando da Escola, e desde então iniciou o trabalho brilhante de organisar a E.S.A. de modo a fazê-la dar os seus primeiros passos sem vacilações, seguindo a trilha reta e firme que até hoje mantem.

A 25 de Maio de 1946 iniciaram-se os exames de admissão, sendo aprovados 269, dos

922 candidatos inscritos e, finalmente, a 1 de Agosto abriram-se os portões do tradicional Quartel do Realengo para receber a 1a. turma de Alunos da nova Escola, jovens de todos os recantos do Brasil, cheios de aspirações e entusiasmo, os futuros integrantes de uma nova geração de Sargentos, que seriam as primeiras sementes plantadas nos Corpos de Tropa de todo o Exército e, que mais tarde germinariam de modo exuberante dando como fruto o alto gráu de conceito em que é tida a Escola de Sargentos das Armas.

Formado no Páteo o Corpo de Alunos, o Comandante deu inicio à solenidade tendo sido entregue pelo Regimento Escola de Infantaria, ao Gen. Tristão de Alencar Araripe a Bandeira da «Escola de Sargentos de Infantaria» após o que, numa brilhante «Ordem do Dia» o Ten. Cel. Miguel Cardoso prestou merecida homenagem ao Gen. Gustavo Cordeiro de Farias, o idealisador da nossa Escola.

Os resultados obtidos na formação da primeira turma de Sargentos foram excepcionais e assim a 30 de Dezembro, presidida pelo Gen. Canrobert Pereira da Costa, então Ministro da Guerra, foi realisada a solenidade da entrega dos diplomas aos 74 Sargentos que terminaram o Curso de aperfeiçoamento, e da promoção a Cabo de 153 Alunos que terminaram com aproveitamento o 1º periodo.

Estava assim conquistado o primeiro objetivo, enchendo de júbilo quantos trabalhavam na Escola, concretisando a primeira vitoria da E S.A., vitoria que marcaria o inicio de uma existencia brilhante e util ao nosso Exército a quem fornece, até hoje, Sargentos capazes de bem cumprir a missão que lhes for imposta.

A 11 de Outubro de 1947, assumiu o Comando da Escola o seu atual Comandante, a quem coube a honra de diplomar a 3a. turma de Sargentos, a mais numerosa até então, constituida de 372 diplomandos.

Poucos dias depois a Escola recebeu, com satisfação, a visita do Ten. Cel. Carlos Montanaro, Comandante da Escola Militar do Paraguay, o qual, após percorrer o Quartel e assistir aos exercicios que se realisavam, teceu comentarios lisongeiros, externando sua magnifica impressão sobre a E.S.A.

Durante o ano de 1948 a Escola alcançou extraordinarios resultados no aproveitamento da instrução funcionando de modo regular e progressivo, quasi atingindo sua plenitude de meios, convindo ressaltar o fato de já possuir, completos, os seus quadros de Instrutores e monitores, que constituiram uma apreciavel parcela para a colimação do objetivo proposto.

Finalmente a 7 de Setembro deste ano a E.S.A. apresentou-se, pela primeira vez, em publico, tomando parte na monumental parada do «Dia da Pátria», tendo obtido das autoridades e do povo da Capital da Republica, palavras de louvor e sinceros aplausos pelo garbo, pela correção e brilhantismo com que se houve.

O ano de 1949 foi o ultimo passado no velho quartel do Realengo, de onde já haviam saido mais de um milhar de Sargentos para os Corpos de tropa.

Eis que surge então a ideia de mudança da séde da Escola para Três Corações, concebida pelo então Ministro da Guerra, General Canrobert Pereira da Costa, o qual expediu as primeiras ordens para a execução dos necessários reconhecimentos do local, nos quais tomou parte pessoalmente.

Decidida que foi a mudança para o Quartel do extinto 4º R.C.D. coube-nos a árdua tarefa de sua execução, que foi realisada com absoluto êxito, no menor tempo possivel e na mais perfeita ordem. Porem não bastou a chegada do ultimo comboio para que considerassemos a E.S.A. instalada em Três Corações. A parte mais trabalhosa e dificil teve inicio a partir desse momento.

Os problemas eram inumeros, as instalações, embora tivessem sofrido radical reforma, ainda eram insuficientes, e precisou o Comando, auxiliado objetivamente por seus Oficiais e Sargentos, enfrentar de pronto a questão como se apresentava: havia muito trabalho a ser feito, porem a instrução não podia sofrer solução de continuidade. Foi então que a Escola demonstrou de forma incontestavel o seu alto valor, repartindo-se os seus componentes entre a instrução e o trabalho, sem medir esforços e sem observar horários, para que, dentro do prazo marcado pelo Comando, pudessemos considerar a instalação definitivamente pronta e o rendimento do trabalho pudesse atingir o seu ponto culminante.

Deixemos que falem as datas para que os leitores possam aquilatar o que foi o nosso trabalho e quão brilhante foi nossa vitória: a 5 de Dezembro de 1949 foi recebida a ordem de deslocamento e, de imediato o então Cap. Antonio Tavares da Mota, foi mandado a Três Corações com o destacamento precursor, tomar as primeiras providencias para recepção do Corpo de Alunos e a incorporação do Contingente.

Ao Estandarte da E. S. A.

Euricledes Formiga

Glorioso estandarte, com alegria
Saúdo as tuas côres deslumbrantes!
Canto o verde da tua infantaria
Na esperança das páginas brilhantes!

No azul-marinho, a côr da artilharia,
O heroismo dos mares retumbantes?
E no celeste azul da engenharia
A grandeza dos céus impressionantes.

Simbolizas a Escola de Sargentos!
Quando tremulas ao sabôr dos ventos
E's a bandeira que incentiva e guia!

O estandarte do amôr, grito de alerta,
Colorido sagrado que desperta
O orgulho heroico da cavalaria!

Aos primeiros dias do ano de 1950 seguiu para Três Corações a comissão designada para receber o acervo do 4º R.C.D. e do I/19º R.C., sob a presidencia do saudoso Cap. Alcides Azevedo.

A 21 de Março de 1950 saiu o primeiro comboio do Realengo e a 25 de Abril o ultimo e, finalmente, a 3 de Maio ficou definitivamente pronto o aquartelamento da E.S.A. em Três Corações.

Atualmente, estamos a poucos dias do segundo aniversario da instalação da Escola em sua nova séde e a produção alcançada no trabalho nos faz prever um rendimento progressivo, um desenvolvimento invulgar para o futuro, alicerçado no passado brilhante, embora curto, e no presente que nos orgulha pelo alto conceito que desfruta a Escola no seio do Exército e do povo de nossa terra.

Muito ainda terá que ser feito pois ainda muito longe estamos da perfeição porem, continue a E.S.A. a receber o mesmo apoio que tem recebido dos Comandos superiores a mesma cooperação útil e amiga dos companheiros de armas, o mesmo esforço e dedicação de seus integrantes, e será, em futuro bem próximo, um dos pontos de apoio mais sólidos em que repousarão a integridade, a união e o valor do quadro de Sargentos do Exército Nacional.

Formando e aperfeiçoando Sargentos de todas as armas no presente, e Sargentos dos Serviços e especialistas no futuro, poderá seu nome sofrer modificação, passando a denominar-se Escola de Sargentos do Exército, ou num empreendimento mais arrojado e considerando-se a expressão que obteve a nossa Escola de formação de Oficiais ao ser chamada de Academia Militar das Agulhas Negras, ser chamada, justa e merecidamente de «Escola Militar de Três Corações», como já foi sugerido às autoridades superiores no ultimo relatório do Comando da Escola.

A E. S. A.

@ PE. J. BUSATO - Capelão Militar @

As três letras, descontado o artigo feminino, que encimam este trabalho significam para o Brasil e para o Exército algo de importancia. Poderiam significar "Educação, Saúde e Aptidão". E' o que realmente pode ser aplicado à "Escola de Sargentos das Armas".

Eis o enigma das iniciais do presente trabalho.

Toda vez que encontro um sargento que saiu da E. S. A então com séde no Realengo, Distrito Federal, após os cumprimentos regulamentares, é quase infalivel a pergunta que o mesmo me faz: capelão, que tal o cinema que nós tinhamos três vezes por semana. com a respectiva palestra, no salão do C. A E R. (Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo)? Acho que aqueles tempos nunca mais voltam.

De fato Três vezes por semana era encontrada uma viatura militar da E. S. A. para que o capelão militar do C. A. E. R. pudesse passar uns filmes e realizar breves palestras para os bravos moços que compunham a E S A. Disse que as três iniciais significam algo de importante para o Brasil e para o Exército. Realmente.

Toma-se um mapa do Brasil Ou melhor, recorra-se ao último número do órgão oficial dos bravos moços, ora em Três Corações, instalados no antigo quartel do 4° R. C. D. (Sul de Minas) "A E. S. A.", periódico material, intelectual e técnicamente muito bem feito, e será o artigo 'Quantos Somos e Donde Viemos" que nos apresenta, num mapa da nossa terra, a procedência dos jovens que em 1950 cursavam aquela escola.

Do Rio Grande do Sul, 138; Santa Catarina, 20; Paraná, 13; São Paulo, 32; Distrito Federal, 9; Estado do Rio, 7; Espírito Santo, 6; Bahia 2: Sergipe, 6; Alagoas 15; Pernambuco, 21; Paraiba, 5; Rio G. do Norte, 3; Ceará, 8; Piauí, 13; Maranhão, 1; Pará, 8; Amazonas, 5; Mato Grosso, 48; Goiás, 5; Minas Gerais, 46; não possuindo representantes tão somente os territórios do Acre, Rio Branco, Amapá e Guaporé.

O interessante é ver o número de candidatos à E. S A.: Em 1946 havia 922 candidatos, em 1947, 951 (1 a turma), no mesmo ano (2 a turma) 1296, em 1948, 1120 em 1949, 2163, em 1950, 2411 e em 1951, 2070.

Alunos matriculados: em 1946, 281; em 1947 (1 a turma), 467 e na (2.a turma), 499, em 1948 531, em 1949, 506, em 1950, 428.

O pequeno decrescimo, que se nota, se deve à mudança da séde da Escola.

Os jovens, procedentes do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso, têm tendência para a arma de Cavalaria, e os restantes para a Infantaria, Artilharia e Engenharia.

O comandante da E. S. A., cel. Miguel Lage Sayão, parece ter nascido para esta nobre missão. Sua atividade, seu descortinio, seus esforços, seu brio, sua direção o tornam um elemento de primeira na educação e firmação dos jovens que lhe são confiados

Um corpo de oficiais e sargentos o auxiliam admiravelmente nessa tarefa tão importante para o Exército e, consequentemente, para o Brasil.

Nunca posso esquecer as formaturas que se realizaram no meu tempo de capelania.

Jovens entusiastas, cheios de vida, após exames severos, tomavam providências para festejarem o grande dia. Um templo do Rio era escolhido para a tradicional missa de ação de graças, onde um côro de cantores e afinada orquestra metropolitana executava comoventes cânticos e esplêndidas peças musicais. Não faltava uma ação meritória, neste dia, para os jovens formandos. Após a missa dominical, chamada dos militares e realizada na igreja matriz do Realengo, onde os alunos da Escola tinham o seu côro, apreciado pelos frequentadores civis, se distribuíam, no primeiro domingo depois da formatura, gêneros alimenticios para os pobres daquela zona. O aluno mais distinto da Escola fazia um discurso, com a presença do seu comandante, oficiais, familias e colegas. Eu vi correrem lágrimas dos olhos de mais de um dos assistentes. Com que gratidão, com que reconhecimento aqueles pobres, maltrapilhos, recebiam o tão belo presente, dado por uma geração de moços escolhidos que, além de amar a Pátria, o Exército, se destacava no amor para com Deus e para com o proximo! Num ano, uma turma de formandos até desistiu do tradicional baile para praticar melhor tão bela obra de caridade. Educação, Saúde, Aptidão são o apanágio dos alunos-sargentos daquela Escola. E os seus desportos, os seus campeonatos, as suas marchas, os seus treinamentos, o seu desenvolvimento físico, moral e intelectual os tornam sempre mais queridos nos meios onde se encontram. Com razão afirmou num artigo escrito especialmente para o periódico «A E S.A.», o seu comandante, cel. Miguel Lage Sayão: «Sargentos do Exército Brasileiro! Jovens, antigos, e dos diferentes postos, meditai sôbre o que há de sublime nesse compromisso e tomai a peito o seu fiel cumprimento, expressão máxima que significa o valor do Sargento, no eficiente, patriotico, democrata e glorioso Exército Nacional».

A E. S. A.

DIRETOR GERAL

Cap. Jvanildo A. de Oliveira

DIRETOR GERENTE

3º Sgto. Ramão Guimarães de Almeida

DIRETOR SECRETARIO

3º Sgto. Taes Borges de Oliveira

REDATORES

Infantaria — *Al. Evandro Reis B. Sarmento*
Cavalaria — *Al. Camilo Alves Sobral*
Artilharia — *Al. Stanley Quinto Marques*
Engenharia— *Al. Vily Santos Andersen*

DESENHISTAS

3º Sgto. Justo Rios Cabral - Al. Carlos Augusto - Al. Fabricio

FOTOGRAFIAS

Cap. Jvanildo - 2º Sgto. Santa Rosa - Foto Rodalves

CLICHÉS

Gravador Araujo - Rio de Janeiro

IMPRESSÃO

Casa Véritas - Três Corações

Aceitamos representantes nos Corpos de Tropa e Estabelecimentos, aos quais oferecemos uma assinatura gratuita por 5 anos.

Cartas para «A ESA», Três Corações

Nossa Capa

A CAPA DO PRESENTE NÚMERO É UMA LINDA ALEGORIA DO SGTO. JUSTO RIOS CABRAL, DESENHISTA AUXILIAR DA «SALA DE MEIOS AUXILIARES DE INSTRUÇÃO», EM TRICROMIA DO "GRAVADOR ARAUJO", NO RIO DE JANEIRO, O QUAL EXECUTOU TODOS OS CLICHÉS QUE ILUSTRAM ESTA REVISTA.

IMPRESSÃO PELA «CASA VÉRITAS», T. CORAÇÕES

Quantos somos e donde viemos

1951

Estados	Quant.	Estados	Quant.	Estados	Quant.
Distrito Federal	4	Paraná	6	Rio Grande do Norte	3
Rio de Janeiro	3	Santa Catarina	4	Pará	12
São Paulo	5	Baía	5	Mato Grosso	35
Minas Gerais	22	Sergipe	11	Ceará	9
Rio Grande do Sul	198	Pernambuco	12	Piauí	27
Goiás	1	Alagoas	10	Maranhão	8
				TOTAL	375

Assim Viveremos

E assim viveremos um dia e a eternidade.
Como se estivéssemos na práia, e calados ouvíssemos
a canção do mar, dizendo: "A ilha é vossa!
E' vossa a aurora!"

Assim viveremos para sempre, em amáveis
conversas com os búzios e as pedras. Como duas crianças
correndo numa práia. Nós e as gaivotas,
nós e os corais.

Assim viveremos até que, no crepúsculo,
venha o navio do sono.

Regressaremos, guiados pela estrela,
meus olhos imergindo em teus cabelos,
Tua face brilhando nos meus ombros frios.

Aluno: Telmo SANTOS
Ilustração do Aluno Fabricio

A E. S. A.

e a Juventude Brasileira

SGT. GUEDES

Não há quem nos doces anos de adolescência inolvidável, não possúa um ideal. Sonhos alimentados desde a mais tenra infância, nascidos da visão de fatos e exemplos ou simplesmente brotados do subconsciente em precoce vocação.

Entre as mais variadas aspirações que povoam cérebros infantis, a farda destaca-se inconfundivel. Aparecem à mente de muitos os fatos históricos de heróis consagrados e o espírito sonhador da criança, arrebata-se com o pensamento de um dia envergar o verde-oliva dos defensores da Nação.

Passa-se o tempo. A aspiração da criança transforma-se em ardor no jóvem, que com o seu ideal plenamente definido, apenas espera uma oportunidade.

Depara-se com um prospecto da E.S.A. e verifica que ali está a realização do seu sonho. Inscreve-se. Ei-lo aluno e futuro sargento.

A Escola de Sargentos das Armas, apresenta-se à vista de uns, como sólida plataforma para a concretização de uma esperança, como pedestal para uma vida futura; a outros, como o meio de saciar a ambição de conhecimentos do viandante, com a visão das belezas que o nosso Brasil encerra, mas a muitos—à maioria—ela significa a concretização do seu ideal sublime, o futuro, a profissão para onde a sua verdadeira vocação o conduziu e onde empregará todos os seus esforços, toda a sua vida.

Nésta Escola, de sãos princípios de brasilidade, jóvens de tôdas as partes do Brasil, sentam-se à mesma mesa. Desde o filho do Amazonas bravío, em cujas veias corre o sangue valoroso do «Ajuricaba e o ardor do guerreiro intrépido, da flexa, ao nobre filho dos pampas—o gaucho destemido, todos comungam das mesmas idéias, sentem as mesmas alegrias, padecem os mesmos sofrimentos. E ao fim, espalhados pelas terras infindas deste imenso paíz, seguem para o cumprimento do dever sagrado de servir à Pátria, felizes e com o coração cheio de esperança, confiantes na benção de Deus e na grandeza da Nação Brasileira.

E assim, a E. S. A. anualmente desempenha duas sublimes finalidades:- Realiza a aspiração de centenas de jóvens brasileiros, dando-lhes chances de vencer na vida, continuando estudos interrompidos, fazendo-os seguir através dos tempos o retilineo caminho do dever, e forma Sargentos profissionalmente competentes, capazes de cumprir qualquer missão, inerente ao valor de suas divisas, com civismo, patriotismo e compreensão, para maior eficiência do Exército Nacional.

—Jovens Brasileiros! Vinde à E.S.A para a realização dos vossos sonhos, para a conquista dos vossos ideais!...

Pelo Capitão *Nazareno F. de Brito*
Instrutor de Psicotécnica do Curso de Classificação de Pessoal e do Estágio Técnico de Ensino.

Fundamentos e Finalidades do Teste

Os conhecedores e estudiosos da natureza humana parecem ter razão quando afirmam que o homem produz mais e encontra maior satisfação em seu trabalho quando é senhor dos fundamentos e dos fins a que o mesmo se destina.

Eis o nosso propósito - **fornecer aos senhores um esboço a largos traços de que é o teste**, afim de que aplicando ou submetendo-se a testes o façam com maior domínio de causa.

Essa palavra como muitas outras adotadas pela Ciência tem servido aos interesses, à vaidade e ao exibicionismo de muitos indivíduos. Existem pseudo-confeccionadores de testes, cursos que ensinam a resolver testes, folhetins e outros escritos que divulgam ou combatem o teste, etc.. Dessa confusão é admissivel se conclua que o teste, a charada, o quebra-cabeças e outros engenhos feitos com figuras e palavras sejam no fundo a mesma cousa! Veremos quão diferente é a realidade..

Os homens diferem tanto no aspecto fisio-fisiológico (pêso, altura, pressão arterial, batimentos cardiacos, etc.) como no psiquico (inteligência, memória, emotividade, caráter, etc.).

Para medir as variações de ordem física dispomos de medidas tais como as de extensão, volume, superficie, pressão, fôrça, etc

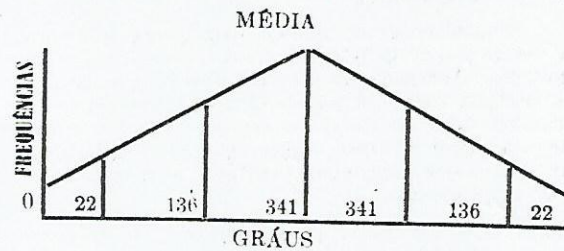
O psiquismo humano não pode ser medido com a mesma facilidade. Haverá padrões unitários que nos deem o valor quantitativo e qualitativo dos multiplos aspectos da personalidade? Como avaliar as possibilidades individuais tais como aptidões, capacidades, habilidades, temperamento, fadigabilidade mental e outras para numerosas atividades que exigem variadas qualificações, algumas delas essenciais? Um datilógrafo, por exemplo, precisa ter agilidade digital, ler com rapidez e precisão coordenar a percepção visual com os movimentos que executa no teclado, etc.. Como êste ha muitos outros problemas de aproveitamento dos homens nos trabalhos em que produzem mais e melhor, atendendo ao mesmo tempo os interesses do serviço (maior rendimento) e os do próprio indivíduo (satisfação por trabalhar em uma tarefa que não lhe traz grandes dificuldades).

A solução empírica que decorre do julgamento subjetivo dos chefes e administradores é evidentemente falha. Somos inclinados a exaltar nos outros as qualidades que possuimos e muitas vezes relegamos a um plano inferior ou somos indiferentes a outras não menos importantes.

Por outro lado olhamos com simpatia as deficiencias de que outros são portadores quando estas comungam com as nossas e criticamos ou pelo menos aceitamos com desagrado outras tantas relátivamente mais toleráveis.

A avaliação objetiva das diferenças individuais só tornou-se possivel quando Francis Galton, grande cientista inglês, interessado na mensuração dos processos psiquicos, descobriu que estes só poderiam ser expressos em termos de probabilidades. Em lugar de analizar fenômenos mentais em casos isolados aplicou à Psicologia o método estatístico que consiste na medição de um mesmo aspecto em grande número de pessoas.

Afim de aplicar o seu processo, como é fácil concluir, teve que utilizar instrumentos apropriados a provocar as reações desejadas nos indivíduos do grupo escolhido para experimentação.

Dos estudos de Galton decorre a conclusão de caráter científico que serve de base à Psicometria: **"As diferenças individuais são limitadas; conservam uma distribuição constante, comum aliás a todos os atributos biológicos"**. Essas variações se distribuem de tal modo que o maior número de casos se concentram em tôrno do valor médio e decrescem em frequência daí para as incidências extremas. Exemplifiquemos: se aplicarmos uma prova de inteligência a 1.000 pessoas escolhidas ao acaso encontraremos resultados próximos dos que a curva das probabilidades abaixo representa.

Como vemos a **Média** correspondente à frequência máxima e as demais frequências vão diminuindo daí para os extremos.

A média se calcula pela fórmula

$$M = \frac{\Sigma(X)}{N}$$

Sendo $\Sigma(X)$ a soma de todos os valores e N o n.º deles

A curva normal das probabilidades, tambem chamada normal de Gauss ou binominal representa 99,74% dos casos e costuma ser dividida em 6 partes iguais, 3 para cada lado, a partir da média

A medida adotada para essa divisão é o desvio-padrão (V) cujo valor numérico se determina por meio da fórmula estatística ou seja, "a

$$= + \sqrt{\frac{\Sigma(d2)}{N}}$$

raiz quadrada da média aritmética da soma dos quadrados das diferenças de gráu dos requesitos individuais a partir da média da distribuição".

Gràficamente V representa a distância horizontal entre a ordenada da média e um dos pontos de inflexão da curva.

Esta constante estatística é de grande importância porque **de seu valor numérico podemos concluir em que medida se apresentam as variações individuais de um dado aspecto em um grupo.**

Quando dividimos a curva normal em 6 partes, fazemos o mesmo com a área existente entre ela e o eixo das abcissas obtendo assim 6 zonas que correspondem respectivamente a:

1 - 34,13% dos indivíduos de cada lado da média
2 — 47,72% » » » » » »
3 — 49,87% ». » » » » »

Sendo constante essa distribuição das diferenças individuais quando aplicamos uma prova psicológica a grande número de indivíduos, podemos, por meio das tabelas das áreas e ordenadas da curva normal construir escalas de classificação (em percentis, em quartis, em decis, tretons etc.) e situar cada indivíduo em relação ao conjunto. Voltando ao nosso exemplo, dos 1.000 homens examinados, estes se distribuem em:

22 — excepcionais
136 — muito bons
341 — bons
341 — regulares
136 — sofríveis
22 — péssimos

Poderíamos dividir a curva normal de outras maneiras. E' muito comum dividí-la em cinco partes. No caso em aprêço, reuniriamos as classes de bons e regulares em uma única que seria a classe média.

Aproveitando estarmos tratando de Estatística desejo ainda referir-me a outros recursos que êsse método nos fornece, muito importantes para a compreensão da totalidade da vida psiquica.-Trata-se do cálculo das correlações, - O seguinte exemplo elucida melhor do que uma definição:

Suponhamos que aplicada uma prova de atenção a um grupo de indivíduos obtemos uma série de resultados. Aplicando ao mesmo pessoal um teste de inteligência chegamos a outra série de resultados O cálculo estatístico de correlação nos permite saber através êsses números se existe relação entre a inteligência e a atenção e caso haja interdependência qual o valor numérico da mesma.

Parece não restar dúvida que isto representa um enorme avanço para a Psicologia e em particular para a técnica dos testes porque conhecido o escore de um indivíduo em um teste e a correlação dêste com outros, pode-se fazer a previsão do resultado que êsse indivíduo obteria no 2.º teste.

Este conhecimento nos servirá mais adiante quando tratarmos das condições a que deve satisfazer um bom teste.

Dadas estas ligeiras noções sôbre o método estatístico voltemos à nossa linha mestra. Falávamos de Galton e seus seguidores. Pretendendo fazer medições em massa sentiram necessidade de trocar os complicados instrumentos da Psicologia experimental de então por processos coletivos mais simples e rápidos. Assim surgiram os chamados "mental tests" (Cattell em 1890) que atingem em nossos dias um grande desenvolvimento. **O teste é portanto um instrumento de medida, na maioria das vêzes reduzido à simplicidade do papel e lapis, que se destina a pesquizar o modo por que se apresentam em um determinado grupo as diferenças individuais do aspecto psicológico, fisico ou fisio-psiquico que se deseja apreciar.**

Quesitos a que o teste deve satisfazer

Como instrumento de medida científico ao serviço da Psicologia Experimental o teste só é capaz de **controlar, predizer e diagnosticar** o comportamento de pessoas e grupos quando preenche as seguintes condições

1) **É válido:**-mede realmente o que se deseja Se por exemplo construirmos um teste para seleção de motoristas, seus resultados devem ser confirmados na prática pelos elementos selecionados. Para verificar estatisticamente a validade de um teste calcula-se a correlação entre êste e outro teste que dada a longa experimentação e coerência de seus escores com as informações e observações sôbre elementos por êle classificados sirva de termo de comparação Se a correlação for alta o teste é válido.

2)— **E' constante ou fidedígno:**-quando aplicado em condições idênticas seus resultados se repetem. Para constatar essa qualidade usam-se geralmente um dos seguintes processos:

a) Cálculo da correlação entre duas metades do teste. Se apresenta um índice elevado o teste é fiel.

b) Aplicação repetida ao mesmo grupo após alguns dias de intervalo. Resultados próximos indicam sua constância.

3) **E' objetivo:**-independe tanto na sua aplicação como na correção de opiniões pessoais. Para isto deve possuir intruções completas, claras e precisas que uniformizem a aplicação e o julgamento.

4) **Possue alto poder descriminante:**-O bom teste quando aplicado a um grande número de indivíduos apresenta larga variação nos escores que se distribuem segundo a curva normal de probabilidades. Essa qualidade é importantíssima por que o escopo de um teste é justamente graduar os examinados Um grande número de itens de diversas dificuldades bem como a fixação de um tempo para o teste inferior ao que a maior parte das pessoas levaria para resolvê-lo todo, concorrem para obtenção dessa característica.

5) **E' padronizado:**-antes de ser usado como instrumento de medida o teste é submetido a uma larga experimentação. Assim obtem-se os dados para a confecção da tabela que servirá para o confronto de resultados posteriores

6)— **Possue validade aparente:**- a aparência agradável e o interêsse que desperta o conteúdo do teste nos examinandos influe grandemente nos resultados. Os elementos testados muitas vezes desconhecem o que os aplicadores desejam obter; para êles o valor da prova é corolário da atração ou desagrado que produz.

7 **E' econômico:**-para que se possam fazer numerosas aplicações o teste deve ser barato e de fácil construção. Esta é uma das qualidades essenciais para nossos testes que devem selecionar e classificar milhares de homens anualmente.

8)— **E' de fácil e rápida aplicação:**-instruções simples, material reduzido, mínimas exigências técnicas e outros característicos tornam maior a praticabilidade do teste

9)— **E' simples na forma:**-o teste deve conter um número limitado de questões que abranjam os pontos essenciais do que se quer medir. Os itens por

sua vez devem ser do tipo objetivo em uma das 4 formas básicas: respostas alternativas, multipla escolha, completamento, confronto.

Um teste assim construido evita confusões que afetam a rapidez e precisão por parte do executante e que diminuem seu resultado. De outra parte beneficia o técnico encarregado da correção diminuindo o seu trabalho.

10) – **E' desconhecido dos aplicandos**:-o teste que não é mantido em sigilo, perde, como é óbvio, o seu valor.

11) - **Permite a aplicação coletiva**:-para o exame de grandes grupos é essencial êsse caracterfstico.

12) **Exclue fatores seletivos**:-o caso não deve influir nos resultados de molde a introduzir fatores seletivos. Para exemplificar citemos o caso dos testes verbais que utilizam linguagem estritamente local. Os indivíduos desse lugar levarão certamente vantagens sôbre os demais.

Como se vê, o trabalho de construir, experimentar, aplicar e julgar testes e tirar inferências de seus resultados não é tarefa que se possa levar a termo sem conhecimentos especializados;

O teste merece pois, o destaque e o respeito que se dedicam às cousas da Ciência.

Ao aplicarmos um teste de classificação geral como é por exemplo o 1 abc, estamos intentando resolver algumas das questões fundamentais de nossa profissão como sejam:

—Separar os homens de capacidade de aprendizagem inferior às necessidades do Exército.

—Selecionar os indivíduos que devem ser submetidos a outros testes apropriados para a classificação definitiva de acôrdo com as possibilidades que apresentem e as qualificações dos cargos e tarefas;

– Grupar os indivíduos para a instrução básica tendo em vista as diferenças de capacidade de aprendizagem que demonstram os resultados do teste;

– Obter espectativas da rapidez com que aprenderão a instrução militar os indivíduos das diversas classes e consequentemente como orientar o ensino para obter maior rendimento dos deficientes?

Muitos outros problemas existem e exigindo métodos e técnicos especiais.

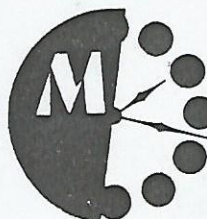
Pode a simples avaliação da capacidade para apreender fornecer dados sôbre aptidões especiais, capacidade, afetividade, emotividade, interesses, prospecções, espectativas de comportamento em face à procedência ecológica, atitudes, etc., etc.? Certamente que não. Além de testes especiais para a solução desses problemas, outras técnicas existem, como a entrevista e o questionário que fornecem informações muitas das vezes as complementares e esclarecedoras das obtidas por meio dos testes.

BIBLIOGRAFIA: -

Psicologia aplicada ao trabalho - Prof. Arlindo Ramos (pgs. 106/75).

Diferencial Psychology - Anastasi and Foley (pgs 29 a 98)

Practice Tests for all jobs - N. H. Mager (pgs. 1 a 20)

Psychodiagnosis - Saul Rosenzweig (pgs 1 a 44)

VEIA POÉTICA

O Expedicionário

Al. José Camargo de Carvalho

Bendito sejas tu, expedicionário
Marchaste resoluto para a guerra
Tu foste do Brasil o defensor
Que marchou em defesa desta terra.

Deixaste tua pátria querida
Disposto a perder a própria vida,
Foste enfrentar a estranha morte
Em defesa desta pátria unida e forte.

Sacrificaste pela nossa paz
...Dizimaste o inimigo audaz.
Marchaste em defesa da pátria voluntário
...Bendito sejas, expedicionário.

Separação

Aluno ANVÉRES

Cedo ou tarde eu já esperava
A nossa separação,
Desde o momento que soube
Procurei dominar meu coração.

Um dia eu lhe disse esta verdade,
"Quem espera sempre alcança".
Tentei em vão nossa amizade
Fugiu-me para sempre a esperança.

Sim esquecer-te é o mais difícil,
Cabelos côr de ouro esvoaçando ao vento,
E's a boneca de meus sonhos.

E's a lua no céu de minha vida,
Como se eu fosse um astro perdido
Vagando no azul do infinito.

4 sonetos selecionados

MEU SONHO

Al. José Camargo de Carvalho

Quando à noite eu dormia sossegado
No meu sonho de um poeta inspirado
Sonhei com alguém ...
... Talvez que êste alguém jamais seja encontrado

Já era tarde e a lua meiga e fria
E as folhas das árvores que o vento sacudia
Naquela hora em que a natureza descançava!
Com o clarão da lua, a folhagem reluzia
Naquele instante a natureza repousava .
E eu, um poeta inspirado
Fazia versos, no leito em que dormia.
Sonhei com a linda donzela
Quando à noite eu dormia sossegado
Mas para que eu sonhar com coisas belas?
Um pobre ente que talvez, jamais seja amado.

ESTRELA GUIA

Capitão IVANILDO

Rompendo o fumo espesso da batalha
Impetuoso o turbilhão de lança.
Que importa a morte, que importa a metralha
Si da vitoria brilha a esperança?

É a carga! É o choque! É, destruição!
Ao som do tropel da cavalhada!
Não são homens, são centauros, de roldão
Levando o inimigo à debandada.

—Que será esta avalanche colossal,
Este mar de lanças e de espadas,
Nesta arrancada louca e infernal?

—Não sabeis? É a «Estrela Guia»
—É a Arma das missões mais arrojadas!
—Irmão, é a Cavalaria!

PARA O CONCURSO DA REVISTA DA E. S. A.

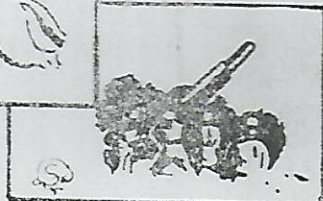
As Quatro Armas

Al. José Walter Cabral Matos
Bateria de Artilharia da E.S.A.

Com seu fuzil ao ombro, vai garboso
Marchando alegremente o nobre Infante
De Sampaio seguindo a galhardia!
Entrega à pátria, a vida, o valoroso
Soldado do Brasil, tão triunfante;
Que vemos nós? a nobre Infantaria!

Vem depois, guarnecendo seus canhões
E defendendo os lares brasileiros,
Marcham com glória, garbo e valentia!
Levam Malet nos nobres corações
Dominando o perigo êsses guerreiros
Da nossa poderosa Artilharia!

Com muita arte e engenho, construindo
Afim de que a vitória se repita
E que glórias nos cheguem dia a dia!
Os pontoneiros sábios vão seguindo
Os exemplos deixados por Cabrita,
Grandes soldados da Engenharia!

Sôbre o dorso do seu cavalo amigo,
Partindo resolutos para a guerra
Defendem o Brasil com ousadia!
O grande Osório, vai também consigo
Lá do céu defendendo nossa terra,
Soldados da audaz Cavalaria!

Por estas quatro armas, divididos,
Homens vindos dos pontos mais diversos
Dêste Brasil que a êles tanto presa.
Aqui vivemos, fortes, sempre unidos
Em sonhos de ventura submersos
Sob este teto acolhedor: a E. S. A.

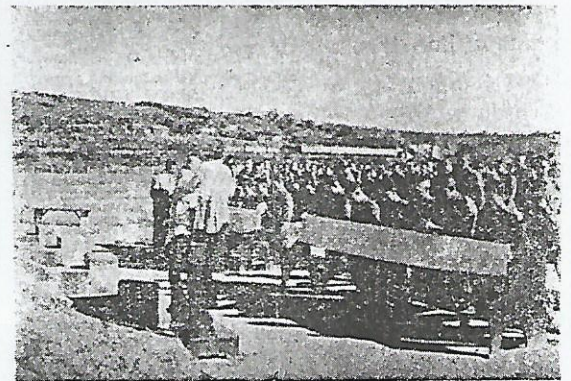
Páscoa dos Militares

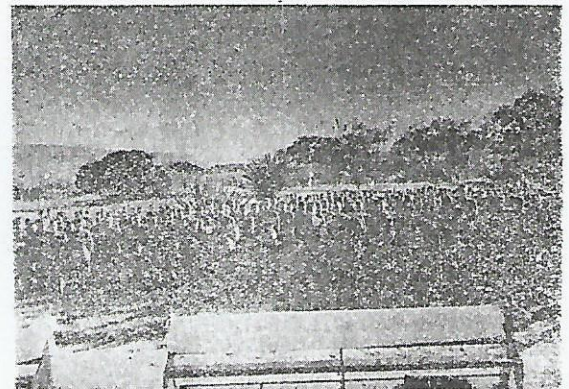
Com o mesmo brilhantismo dos anos anteriores, realisou a ESA mais uma vez a Páscoa dos Militares da Guarnição.

Perante quasi a totalidade dos militares da ESA e da 13.ª C R. foi celebrada a Santa Missa pelo Rev. D. Inocencio, Bispo da Diocese de Campanha, que foi coadjuvado pelo Mons. Guimarães Fonseca, Vigário de Três Corações e o Cônego Lucas, da Diocese de Campanha.

Diante do altar, que foi armado no alto da cripta do monumento dos militares sacrificados na revolução de 1930, ajoelharam-se à mesa de comunhão, recebendo a Sagrada Eucaristia o Comandante, Oficiais, Sargentos, Alunos e Soldados da Guarnição, acompanhados de suas famílias.

Constituiu, sem dúvida, esta cerimônia uma perfeita demonstração de fé cristã daqueles que envergam a mesma farda do cristão fervoroso que foi o Duque de Caxias.

D. Inocêncio, Bispo de Campanha, proferindo seu patriótico sermão

Momento culminante da cerimônia: os militares, de joelhos, recebem a Sagrada Comunhão

O Comando, Oficiais e familias assistem à Missa

Quasi a totalidade do Corpo de Alunos compareceu à Mesa Eucarística

O Velho Lôbo do Mar

Aluno Arnaldo Carvalho de Oliveira

Uma forte rajada de vento sibilou pelos ares, transformando por completo o dia lindo que despontou.

No horizonte as nuvens tornaram-se carregadas, desaparecendo as que amanheceram com um lindo colorido de azul e branco, cedendo lugar às carregadas, prenuncio de tempestade.

No mar com as suas águas calmas, côr de esmeralda, as ondas, num continuo vai-e-vem, quebravam-se de encontro às amuradas, transformavam-se, aparecendo um mar revolto, encapelado, cujos vagalhões muito altos, rolavam impetuosamente em direção à terra.

Lá longe, apareceu um veleiro que tentava num suprêmo esforço alcançar um bom lugar onde pudesse lançar ferro, safando-se por conseguínte do perigo iminente.

O pequeno veleiro aparecia e desaparecia entre as enormes ondas que por momentos o encobriam no seu seio revolto.

No cais, um velho lôbo do mar apreciava, apesar do impetuoso vento, a luta titânica da inteligência e coragem contra a natureza.

Então, lembrou-se do seu tempo e fez um retrospecto na sua vida.

Em tempos idos, ele fôra um destemido e forte marinheiro. Quantas e quantas vezes enfrentou grandes mares, em plagas muito distantes. Vira a morte muitas e muitas vezes de perto e não a temera. Por ocasiões diversas até chegara a desafiá-la, travando com ela renhidas batalhas, das quais sempre saíra vencedor. Atravessara muitos oceanos, viajando por quase todo o mundo; conhecera quase todas as cidades, sendo conhecedor de povos, diferentes nos costumes, nas atitudes; povos fortes e fracos, trabalhadores e indolentes.

Gostava de viajar e adorava os perigos

Outr'ora fôra um elegante rapaz, forte, de bonitas compleições atléticas; peito largo e musculoso, rosto amável e simpático, onde nas horas de perigo, sempre um sorriso aflorava aos lábios em zombarias; o andar oscilante, característico dos homens do mar, uma bonita e vasta cabeleira negra que se escondia por baixo de um boné, do qual era inseparável.

E fora um segundo Gulliver.

Conhecia todos os lugares perigosos, sabia os nomes sem omitir um só, dos inúmeros martírios dos navegantes; dos recifes, dos bancos de areias dos promontórios, que causavam grande terror aos que, os tinham de atravessar.

Lembrava-se da vida de bordo, vida de boêmio, vida que desconhecia preocupações; eram homens que não se lembravam de ontem e não pensavam no amanhã. Para que se preocupar?! O que tiver de acontecer, acontecerá, não adiantando cautelas e nem preocupações.

Amava o mar e adorava o firmamento. Eram os seus melhores amigos. Em noites estreladas sentava-se na pôpa do navio extasiado na contemplação do firmamento, cuja veste era bordada por pequeninas estrelas; admirava e lusco-fusco do mar, a esteira que o navio deixava após si, e enfim, a maviosa sinfonia do marulhar das águas, que vibravam aos seus ouvidos.

Nas noites tempestuosas, apreciava os grandes vagalhões que lavavam o convés do navio e vinham salpicar-lhe o rosto; apreciava a marcha do denodado veleiro que não temia a furia do mar e ousadamente rasgava as vagas, em cujo seio, às vezes, desaparecia para mais adiante reaparecer altaneiro. Foi nessa vida que passou os seus melhores anos. Nunca respirara ar igual ao do mar, ar puro, suave, que dava-lhe novo vigôr, tanto ao corpo como ao espírito.

Casa? Não tinha. O seu leito era o navio, o chão, o oceano e por teto, tinha o firmamento. E os seus amigos? Os seus melhores amigos, eram as ondas, as estrêlas, as tempestades. Felicidade? Não almejava outra a não ser a de viajar. E para que mais? Tudo tinha; de nada necessitava.

Vivia isolado desse mundo impuro, hipócrita e covarde. Desconhecia as maldades dos

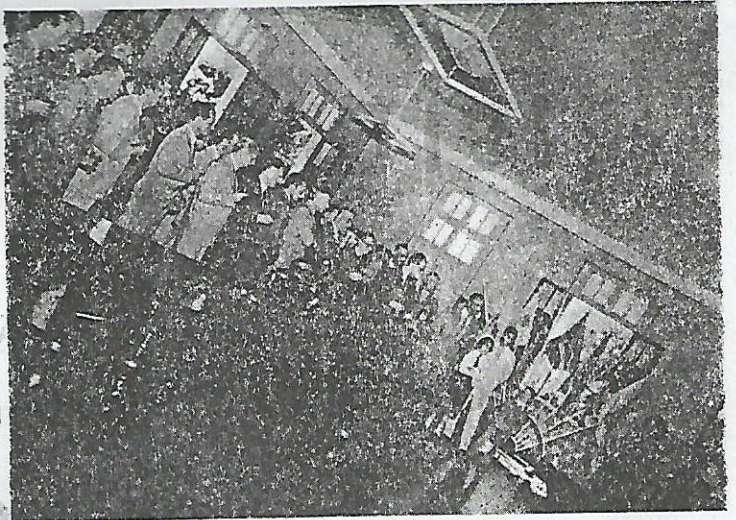
Conclue na página 55

Visitantes Ilustres

Dentre as inúmeras visitas que recebeu a Escola no ano corrente, destacou-se a que nos fez o Governador do Estado de Minas Gerais, o Dr. Juscelino Kubistchek. Acompanhado pelo Deputado Carlos Luz e pelo Cel. Adato de Melo, Diretor do Departamento Nacional dos Correios e Telégrafos e de lúzida comitiva, veio S. Excia. à cidade dos Tres Corações inaugurar a nova Agência dos Correios e Telégrafos e vários outros melhoramentos realisados no Município.

Visitando a Escola de Sargentos das Armas teve o Dr. Juscelino a oportunidade de observar de perto o trabalho de instrutores e instruendos bem como de aquilatar o alto gráu de instrução da tropa através das homenagens que lhe foram prestadas pelo Corpo de Alunos.

A' frente dos oficiais que servem na Escola, reunidos no Salão Nobre, o nosso Comandante, Cel. Lage Sayão, saudou os visitantes, mostrando-lhes, em vibrantes palavras, o objetivo de nossa Escola e o trabalho que se desenrola no seu interior para a colimação desse tão digno objetivo, qual seja o de entregar anualmente ao Exército uma turma de Sargentos das Armas, moral, física e profissionalmente preparados para o desempenho de suas funções.

Vivamente impressionado com o que lhe foi dado observar, como o confessou nas suas palavras de agradecimento, retirou-se o Gov. Juscelino com a sua comitiva, após ter assistido a uma demonstração de Educação física executada pelo Corpo de Alunos em sua homenagem.

O Cel. Lage Sayão, Cmte. da Escola dá as bôas vindas aos visitantes no Salão Nobre da ESA

O Governador Juscelino Kubistchek agradecendo, expressa a magnifica impressão que teve da nossa Escola augurando-lhe um futuro auspicioso

CONFUSÃO DE SENTIMENTOS...

PARA A REVISTA DA E. S. A.
PELO CAPITÃO I. E.
Manoel Paiva de Oliveira

A Ciência, na sua ação pesquisadora, com objetivos de «prevenir» e também «remediar», vem, de há muito, tentando penetrar no âmago espiritual do ser humano, perscrutar o seu «eu», afim de, desvendar o mistério insondável dos sentimentos, dos reflexos e reações que influenciam poderosamente tôdas as atitudes humanas. A medicina moderna, lança mão da psicanalize, como fator de cura, já que cientistas consumados, afirmam que a maior parte das enfermidades tem sua origem no intrincado sistema nervoso, ditador absoluto das funções orgânicas. Recalques, conflitos emocionais e tantas outras neuroses; quédas da vontade e do auto-dominio, fazem do ser humano, quasi sempre, um «joguete», tornando-o u'a náu sem leme ao sabor da tormenta!

Si de um lado - no sentido pròpriamente orgânico - tais métodos e sistemas, têm alcançado resultados positivos, de outro lado, no que diz respeito ao subjetivo, a alma, não podemos afirmar o mesmo. É que o ser humano, na sua quasi absoluta maioria, descamba numa tremenda confusão de sentimentos, gerada por situações sociais confusas e outros fatores que enfraquecem o espirito e corrompem o caráter, tornando-o, por isso mesmo, um itinerante indeciso desejoso de seguir, ao mesmo tempo, duas ou mais estradas... É, sem dúvida, a confirmação plena do pensamento de um psicólogo de que «o mais negro continente da humanidade é a alma humana»!

De fato, a alma humana é realmente negra e incompreensivel; na era moderna, principalmente, sentimos que as virtudes estão se tornando "raquíticas", amoldáveis ás ocasiões, mascaradas e adaptaveis ás situações ou conveniências. Os bons sentimentos cederam lugar á hipocrisia, á falsidade, á traição; em suma, a todos os vérmes abomináveis da podridão humana, que tornariam seus portadores seres abjétos e despreziveis si fosse possivel, ou melhor, permitido descobri-los e desmascará-los. Mas, infelizmente, preconceitos de um lado, a sociedade de outro e, poucas vezes, a dignidade de caráter, obrigam os que ainda são dotados de sentimentos elevados, ao silêncio. Não os privam, todavia, de, meditando sôbre tudo isso, descrerem da própria vida!

O mundo está confuso; os bons sentimentos, as virtudes, a própria conciência, se perdem no lodaçal das incompreensões e incertezas. Dúvidas, desconfianças, desilusões, descrenças, tornam a vida um labirinto de emoções, até que a humanidade possa compreender que sua alma negra, deve ser analisada e vigiada, para que possa produzir, realmente, sentimentos nobres e construtivos em todos os sentidos.

Será, que as fortes vagas que se atiram contra as rochas consolam?...

Não sabemos... Quem poderá, por ventura desvendar êste enígma, cheio de mistério?!... Mistério alucinado, cheio de fantasia? pilhéria? e tolice? ou resignação? desprendimento ou renúncia?

A história de uma jovem que transformou os semblantes familiares daqueles que habitam as proximidades do lugar. A casinha muito simples e modesta pendurada quase no penhasco, tinha a sua frente para o mar. As suas portas sempre se conservavam trancadas, enquanto suas janelas abertas discretamente, o vento balouçava com força indômita, as cortinas de chita penduradas sobre elas. Era uma casinha de pescadores. A habitual dedicação dos moradores, era a pesca ainda em seus meios bem rudimentares.

Daquela solitária fraga, divisava-se, não muito distante na planicie descampada, a pequena vila com as suas casas brancas, de estilo antigo. Pobre de beleza, singela em costumes, pacata e sem uma tradição

UM NOME NA AREIA

Conto de Vily S. Andersen

que o povo pudesse conservar em seus dogmas de crenças e de heresias. A' esquerda da sinistra habitação, levantava-se uma fantástica fileira de colossais penedos, que se erguiam ao longo da costa, impedindo a marcha das ondas. Essas vagas batiam contra as rochas, exigindo a passagem, provocando, nos ouvidos dos andantes um bramido furioso e desesperado. O seu eloquente protesto de peleja contra a naturesa granítica, que resistia ao turbilhão e à violência das águas furiosas.

Do outro lado, por sua vez, um verdadeiro contraste ao acidente da naturesa, estendia na orla encantadora em que os nossos olhos pousavam com delírio, uma estreita faixa branca, tão plana e sem rugos, que sòmente a criação divina pode concéber E' nesta linda práia onde as ondas se espreguiçam ao longo da costa, por sôbre a areia, estendal fúlgido e indescritível de um idílio, onde conchas alvas e cinzeladas brilhavam ao esplendor do sol, nas manhãs douradas, onde a espuma franjando a coroa das ondas, somem-se na cadência das águas.

Assim era o lugar.. A jovem bonita, de feições sedutoras e de que nada sabemos, saía diàriamente de sua casa, e. ia sentar se nas rochas, a ouvir longamente por horas e horas o som ensurdecedor das águas, a apoteóse gigantesca das águas impetuosas Ia sentir a frescura estrutural da brisa. Fitava terna e com languidez a linha divisória do horizonte. Só deixava o seu assento, a pedra dura e resistente, quando ecoava, no ar, o seu nome. Era sua mãesinha que a chamava para o almoço. Sentava-se à mesa sempre calada e triste. Seus pais compreendiam a sua dor, e procuravam tirá-la do martírio e da angústia, porém era inútil; terminava a sua refeição, saía novamente a correr, seus cabelos voavam ao vento. Ia pousar os olhos no mar.

Passavam-se os tempos... Quando, ao entardecer fúnebre de um dia ela levantou-se num ímpeto. Tinha visto, longe, no mar uma vela branca, muito pequenina. O barco se aproximava mais e mais... talvez imado pelos olhos da fada que fremia em êxtase profundo. O crepúsculo fugia rápido. Quando a noite se aproximava com suas véstes escuras, o modesto veleiro atracou na costa. E a primeira pessoa que viu, o vulto inerte a acenar com um lenço branco lá no alto da rocha. Ele correu, e saltando de fraga em fraga, chegou à orla extrema do rochedo, e nada mais encontrou. Onde está a moça? a jovem que os meus olhos viram. Estive sonhando? Alucinado? Não pode ser. Estava só Quando avistou, na noite, já escura, uma luz muito vaga Foi ao seu encontro.

Depois de ser amàvelmente cumprimentado e recebido o jovem relatou as suas necessidades.

— Meu senhor, preciso de vós.

— Admiro a franqueza. Redarguiu Valdemar, que deveria ser o pai da moça.

—Estou perdido. Nem siquer sei onde estou.

Numa casa amiga, interpelou. E continuando com a sua voz calma e cheia de rítmos. — Terás aquí um acolhimento fraterno. Em casa de pescador sempre terá lugar para outro pescador.

E a conversa animava-se. E enquanto palestravam amigàvelmente com risos intervalados, servia numa pequena mesa, rude mas vigorosa. um jantar completo, conforme o uso da família. Uma senhora, um tanto idosa, cabelos grisalhos, trazia um olhar exorbitante e melancolico O jovem indignado pensou ver alí, a pessoa que vira na rocha. Porém, esta não se mostrou. Gustavo, o pescador, só foi acomodar-se quando a pêndula da sala bateu onze horas. Sua palestra com o senhor Valdemar havia sido deveras interessante: falaram do mar, dos pescadores, dos desamparados, dos náufragos, das aventuras, das famílias que ficavam em abandono. Gustavo entrou na sua alcova, e, tôda a noite não dormiu sossegado, ouvindo sempre as vagas que gemiam lùgubremente. Que noite enorme foi aquela! Por fim o dia amanheceu. E quando o sol começou a penetrar em seu quarto, pelas fendas, levantou-se. Abriu a janela lentamente; e bocejando para que o sono se desfizesse. Tornou a ver na mesma rocha, o vulto que na noite anterior ele vira. E com os olhos incendiados de entusiasmo, tornou a saltar de fraga em fraga Foi se verificar do mistério.

Bom dia, minha linda jovem. Já tão cedo vens sentir a brisa leve do mar?

A jovem, fitou mais longamente o mar, e nada respondeu; porém demonstrou uma tranquilidade sepulcral. Ele insistiu.

Não falas comigo? Porque? Bem sei, não a quero importunar mas porque não nos fazemos amigos?..

E a jovem, na sua invulgar imobilidade extremosa e delicada, deixou transparecer nas suas faces certa rudeza de sentimentalismo. Sòmente moveu a cabeça acenando que não. E o jovem então ajoelhado na rocha úmida e fria pelo orvalho da noite implorou o seu amor.

—Perdão, se o meu destino assim o quiz, quero tê-la em meus braços e cantar à beira da práia o nosso hino de amor A jovem nem movia os lábios. E Gustavo notou que ela corava levemente. A sua face afogueava-se e tremia as suas mãos alvas, como cristal.

—Fale. Por favor. Insistiu o rapaz doido de amor. Conte-me o que se passa em sua vida. E' deveras amargurada?

— Não! Não! Falou a moça, e voltando se repentinamente saiu a correr em direção à casa. E o pobre rapaz, alucinado, que tanto precisava descobrir a causa que desditava àquela jovem, andou pelas rochas e desceu ao mar, deixando as suas pegadas na areia. O sol a pino marcava o meio-dia. Ele voltou. Os dias passaram, as semanas também, e os meses se foram.

E aquela história ficara sempre no desejo de desvendá-la.

. . . .

U'a manhã, o céu era puro e de um azul muito claro; nem uma mancha de núvem corria na imensidão.

Todos à refeição matinal - o café - pela primeira vez a jovem sentava à mesa, em conjunto, e, talvez porisso o assunto da mesma começou a prolongar-se. Permaneciam ainda à mesa quando começou a história:

— Minha filha, começou seu pai calmo e claramente Depois de sua desgraça, o único responsável o mar, e talvez seja esse o motivo da sua vontade sôbre-humana, a de adorar o murmúrio das águas. Quem sabe? Talvez traga aos seus ouvidos uma menságem de paz e de consôlo. Ela é casada Um vago silêncio quebrou o som das vozes na sala sombria. Gustavo, relanceou o alhar para a jovem mas não conseguiu ver os seus, estavam cobertos, pelos dedos airosos, em véspera de pranto. - Ele continuou.

— Um dia, ela lembra mais do que eu, seu marido adorava os heroismos e as aventuras, e partiu numa expedição heróica, para o mar. Ia simplesmente pescar, na corrente das águas ao longo do horizonte Diziam que lá o peixe era abundante. O mar era bravio e suas vagas jogavam-se com fôrça, uma após outra. Ele se fôra e ela ficara no alto da rocha, até que a frágil embarcação se perdesse da vista. - Horas depois, o céu estava coberto de núvens pardas e grossas, e as alcínes e as gaivotas voando pareciam anunciar a procela. O vendaval começou a correr às soltas. A tempestade caía com fúria. E no mar a borrasca bramia fantasticamente enraivecida. "Pobre Alberto" exclamava encerrada no quarto semi-escuro O desalento de uma vida tem origem numa desdita. Voltou o silêncio na sala. Vagamente se ouvia o bramir do oceano, na sua eterna prece. As palavras se emudeceram, os corações se partiram. Uma original imaginação encantou Gustavo que interrogou.

— Como se chama a moça? Despertado pelo interêsse da pergunta.

— Malvir. Redarguiu o pai docemente. E a filha que tanto tempo não ouvia a carícia de seu nome, levantou-se.

— Malvir?!... Interpelou Gustavo com ar de espanto. Não pode ser, incrivel. E tornou a pronunciar sílaba por sílaba, relembrando letra por letra, aquele nome - MALVIR - Gustavo tinha os olhos grandes, a face pálida e as mãos trêmulas. Estava assombrado. Sua voz era de susto. As palavras saiam quebradas, as frases incompletas, somente se ouviu - "Fui, sim, um covarde!" Que história misteriosa haveria agora com Gustavo? Malvir interessou-se. E, fitando-o com os olhos esbugalhados, bradou.

Por amor de Deus. Oh! conte-me o que sabe!...

Um dia, começou Gustavo impregnado de profunda tristeza, eu passeava pela práia, alheio as preocupações da vida. Olhando a areia fina onde deixava as pégadas, sulcadas pelos meus pés mórbidos. Quando de súbito deparei com um escrito na areia, cujas letras bem desenhadas, formava um nome - Malvir - e, jazia, pouco além um cadáver irreconhecível. Tive medo. E fugí depressa Corrí desesperado pelo que vira; até que a práia não me visse mais. E Gustavo, numa expressão de angústia indefinível, levantou os olhos. Viu a jovem banhada por um véu de lágrimas que empanavam o fulgor dos olhos. Os dentes cerrados, suas mãos fechadas davam-lhe um aspecto fantástico e assustador. Deixou a sala, onde se desenrolara esta cena dramática de uma história oculta. Saiu porta à fora. Poz-se a correr em direção a práia. Então Malvir, reconheceu o grande mistério da areia. Seu nome conservava-se ainda legível para os seus olhos.

Como a mente conserva na lembrança uma história, as práias também no seu infortúnio conservam os seus mistérios. A cova funda que o moribundo, antes da morte desenhara, na enchente, as conchas cinzeladas as cobriram. Conservando assim para os tempos, um nome que uma vida não pode conservar em seus lábios.

E desde, êste dia saudoso, Malvir nunca mais se dirigia para as rochas, outrossim para a práia amiga. Ia sentar-se sôbre a areia e sentir de perto o murmúrio das águas. E nesta eterna contemplação do mar, sentia, na sua imensidade um prazer ardente de inspiração.

E, agora, será que as ondas mansas que se espicham sôbre as práias, consolam?...

Cooperai com o Oficial de Comunicações

Pelo Capitão
Jarecyl Ribeiro Melo

Muito se fala das Comunicações no Exército, mas poucos são os que auxiliam as mesmas a cumprir a sua missão. É comum ouvir-se de todos aqueles que lidam com as Comunicações os seguintes ditos:

—Isto não funciona!

—São uns bobinas, tudo enrolado!

—Quando se precisa não resolve.

Sim, estas são as injúrias lançadas contra as Comunicações mas poucos são os que honestamente se penitenciam dando razão aos Oficiais de Comunicações das unidades por não terem cooperado com eles durante os períodos de instrução do Corpo.

Analizemos sem paixões os motivos que dão margem a que as Comunicações nos Corpos de tropa que não são especialistas como a Engenharia, não apresentem seu rendimento como deveria render.

Comecemos pelo Comando que, na maioria das vezes, apezar de sua bôa vontade, não chega a tomar conhecimento do que está se passando nas esferas abaixo, entravando as Comunicações, ou mesmo porque as suas idéias, que muitas veses ainda estão na órbita de seu tempo de cadete, ou um pouco mais avançadas, como quando Capitão, pois daí para diante pouca coisa ouviu falar sobre as Comunicações no que diz respeito a material e técnica em uso atual. Assim sendo contribui para entravar o funcionamento de uma das molas mestras de seus futuros planos de ação em qualquer operação. Ainda o Comando pouco avizado sobre comunicações, não permite que seu Oficial de Comunicações lhe aconselhe quanto a localização de seu P. C. pois dirá ele, eu tenho meus conhecimentos de E. M. e sei muito bem das necessidades, mas é um engano, e aí vai um conselho aos chefes: este elemento deverá ser consultado, pois a ele compete a instalação, funcionamento e fiscalização de todos os meios de Comunicações da sua Unidade, que por sua vez está sujeita a um plano organizado pelo Escalão superior, que, na verdade, não amarra a um ponto esta localização e sim a uma zona de que este elemento tem conhecimento, e na qual fica localizado o chamado Eixo de Comunicações como nos mostra a letra «d» da seção II do Cap. 1 do PET 16, mas esta zona só ele conhece, portanto devemos solicitar sua opinião.

Vejamos agora o Sub-Comandante. É ele o responsável pela instrução no regimento. Este elemento, mais moço, já vê alguma coisa quanto as Comunicações, mas mesmo assim não chega a se interessar por este ramo de instrução mas deverá, pois a ele interessará em qualquer operação o funcionamento para as transmissões das ordens emanadas de seu chefe e suas e portanto o bom êxito das mesmas.

Seria interessante que este elemento trabalhasse intimamente ligado ao Oficial de Comunicações para sentir-lhe as necessidades do apôio moral para a realização da missão que o mesmo tem a cumprir, que é apresentar um pessoal especializado à altura. Seria tambem interessante o Sub-Comandante fazer vêr ao Comando as necessidades de sugestões sobre qualquer plano de Comunicações pelo Oficial de Comunicações, e mesmo ter conhecimento de qualquer operação em que o Corpo tiver que realizar.

Tocaremos agora num dos elementos chave de todas as unidades: o Fiscal. Este superior é o homem que nos tem nas mãos devido às cargas que possuimos, e da qual lhe devemos prestar conta em qualquer situação. Os fiscais deverão raciocinar com o oficial de Comunicações, no que diz respeito a reposição e manutenção do material, enfim, fazer com que os meios materiais estejam sempre de acordo com as necessidades do momento. Seria interessante criar-se no Exército uma mentalidade de responsabilidade na acepção da palavra, estando assim os elementos contribuindo para que não se duvidasse do próximo. Nada de mal há em um Oficial de Comunicações ou outro qualquer em sua função, pedir recolhimento, descarga, exame ou outro processo qualquer, para um determinado material, e então isso seria realizado sem muitas delongas, sem ferir as exigências regulamentares. Podemos citar como exemplo um condensador de um telefone que está aberto, mas o Oficial de Comunicações da unidade não tem meios para saber (só mais tarde virá

a saber por intermédio da oficina do serviço de Comunicações regional) como proceder a meu ver: Dar uma parte solicitando recolhimento, uma vez que não possúe meios para pesquizar. O procedimento do fiscal seria pedir recolhimento e, se for constatado algum defeito devido a má conservação pelo detentor de carga, proceder a uma sindicância. Isto deverá ser feito rápidamente porque muitas vezes de um defeito, virão outros e o material, por sua vez, ficará parado em detrimento ao bom rendimento da instrução e estrago de material. Apelo pois para os fiscais que desimpeçam o mais depressa o material estragado das Comunicações, ou pedindo recolhimento ou encaminhando novos pedidos de material feito pelo oficial de Comunicações. Nunca se baseie para comparação dois materiais mesmo da mesma espécie, pois varios fatores nos levam, às vezes, a resultados errados Peça sempre e acate as opiniões dos técnicos.

Passaremos a falar agora em outro elemento sobre o qual recai senão toda, pelo menos uma das grandes parcelas de responsabilidade na instrução de especialista nas Sub-Unidades; é o Capitão. Este homem tem por dever obrigar aos seus especialistas a procurarem aprender ao máximo os ensinamentos a eles ministrados pelos elementos de Comunicações do Regimento, e não raciocinar que as Comunicações não funcionam mesmo, e que é fácil transmitir-se qualquer ordem em qualquer ocasião, que é fácil manejar um telefone, um rádio, uma bandeirola enfim qualquer meio de Comunicação, mas isto é um engano, pois manejá-los será possivel talvez por qualquer um, mas obter todo o rendimento é que é o x do problema.

Capitães, auxiliai os Oficiais de Comunicações com a vossa assistência moral, e si possível pessoal, pois, podeis ficar certos no momento preciso, vossa Sub-Unidade terá em funcionamento os seus meios de Comunicações, como muito bem são preconizados nos art. 24 a 37, do R. E. C. C.

Agora chegou a vez do Tenente que mesmo sem estar dirtamente comprometido n instrução dos especialistas, cabe-lhes pore uma advertência. Ajudai a vosso Comandant de Sub-Unidade a prestigiar o oficial de C municações, e pensai que mesmo sem o cu so, podereis um dia desempenhar esta funçã e, como tal, necessitareis da cooperação do demais, portanto aqui se aplica o provérbi «Não faças aos outros o que não queres qu te façam».

Aos Sargentos e Cabos peço que quand designados para auxiliar das Comunicaçõe dêm como na instrução não especializada máximo de seu desempenho para o maio êxito da missão.

Finalmente aos meus colegas oficiais d Comunicações, quero lembrar que cabe-no uma parcela de grande responsabilidade, poi se acima citei defeitos e fiz apelos,quero lem brar-vos que não devemos relaxar a ministração de nossa instrução, com o nosso material com a nossa atualisação especializada, deixemos o coração de lado e façamos vêr ao Comando e Sub-Comando, quando necessário que certos elementos não querem coopera conosco, fazendo com que futuramente o meios de Comunicações do Regimento não rendam o máximo, acarretanto ao Comando e ao Oficial de Comunicações um sobre-peso no desempenho das suas missões. Podeis ficar certos, que sem as Comunicações tudo se arrastará em uma operação, mas sem os meios em pleno funcionamento de seu máximo rendimento, terá o chefe uma maior parcela de responsabilidade de exito.

Ao terminar este trabalho que foi uma modesta contribuição para a Revista da Escola de Sargentos das Armas, sei perfeitamente que muitos terão ficado em desacordo comigo, mas isto ao meu ver é um direito, e outros estarão ao meu lado; àqueles peço desculpas, a estes agradeço de coração, o confôrto moral, pois bem sei que não dirão mais:

—«Estas Comunicações não funcionam», pois só não funcionarão, se tudo não correr de acordo com as idéias acima explanadas.

por *Taes B. Oliveira*

AMOR À TERRA

Nada mais justo que um homem enaltecer a sua terra. Esta obrigação eu sinto premente em meu coração, máxime, quando me vejo distante da Terra amada. O Rio Grande do Sul é assim. Já nos meus primeiros passos nêste vasto e laborioso terreno das divagações, disse: "Em todo o coração de gaúcho há uma centelha de poeta." E esta poesia leva o gaúcho a cantar sua Terra. Eu menos feliz, não encontro a rima que a enalteça, e prendo meus sentimentos em frases, talvez, desconexas.

PRIMEIROS TEMPOS

Não é segredo o grande e laborioso esfôrço dos jesuítas no povoamento do Rio Grande do Sul. Quase dois séculos após o descobrimento do Brasil, penetraram naquela vasta e verdejante área, os primeiros jesuítas, que fundaram às margens do rio Uruguai, sete missões povoadas por cem mil índios. Pertenceram inícialmente à Espanha. As lutas que mais tarde surgiram, nas célebres e tão históricas escaramuças platinas, podemos afirmar, tiveram origem com a Frota de João de Magalhães E' de um documento da época o seguinte trecho "...que a nação espanhola não se assenhorasse daquela parágem por ser de muita utilidade à real corôa de Portugal...". Desenrolaram-se êstes fatos no decorrer de 50 anos, vindo de 1875 a 1725. Desde então, embora morosamente, se formava o alicerce de um estado que apresentaria no decorrer da história, fatos tão significativamente heróicos, do sangue bravo de gaúcho nato ou mesclado.

A COLONIZAÇÃO

Mesclado, disse o autor, pois foi a emigração um dos maiores passos para o povoamento do Rio Grande do Sul. Chegaram os colonos germânicos em meados de 1824, época em que o Brasil se retorcia em cambalachos políticos. Gente alegre, simples e boa, o colono sentiu-se filho da terra que o acolhera. Amou a terra que criava seus filhos, e, embora a fisionomia e a língua lembrassem uma raça longínqua, o seu coração era gaùcho. Mais tarde, em 1835, quando surgiu na província a guerra civil, foi o colono um verdadeiro esteio na defesa da terra que tanto amava. Afirmamos, pois, com grande convicção, que com o seu trabalho honesto e dedicado, o colono ajudou a construir uma grande nação.

AS LUTAS

A história de um povo se nota pelo seu progresso, às vezes lento, às vezes acelerado. O Rio Grande do Sul foi assim. A povoação pròpriamente dita, surgiu com aquele pequeno grupo da Frota Magalhães, "Um punhado de obscuros lagunistas que, se traziam armas, era para se defenderem". A luta, porém, começou, e tiveram como objetivo, não dominar sôbre os homens, mas, sôbre aquela terra selvágem na sua virgindade, sôbre desertos imensos de parágens distantes. Os espanhois, entretanto, cobiçavam a terra. A luta surgiu. E não haveria mais fôrça capaz para destruir aquela resistência brava dos estancieiros. E' histórico o amor à terra do povo sulino, dos filhos daquele Continente, como disse o General Borges Fortes. As lutas ces-

savam e continuavam com a mesma intensidade, na justa defesa de seus lares. Eram colonos, naturais e escravos. Eram um todo, que sentia correr nas suas vêias o sangue gaúcho, de amor às coxilhas. O gaúcho sentia-se maltratado com os frios de agosto e as impertinências do castelhano. A revolta interna não se deixaria esperar. E ela veio. Os representantes da regência não lhes queriam dar o devido apôio. Bento Gonçalves surge à testa de bravos decididos. Teve início a Revolução Farroupilha. Não foram derrotados. Tiveram uma paz de honra, encabeçada pelo pacifista e grande soldado que foi Caxias. Parecia haverem cessado seus dissabores; mas não. Não demorou muito a se iniciar em seus campos a invasão Paraguaia. O gaúcho sempre unido lutou novamente. E como sempre, saiu vitorioso. Descançou por longo tempo o lar do pampeiro. Aqui e acolá, entretanto, o descontentamento se fazia sentir. E é já em 1893, como a finalizar um século de lutas, ouve-se novamente o troar das armas. É agora a Revolução Federalista. O século XX, entretanto, entra mais calmo, e o gaúcho se prende a engrandecer cada vez mais a terra que tanto defendera.

CANÇÃO DO SUL

O Rio Grande do Sul é assim. Um poema que vive dentro de meu coração. A vida do gaúcho é uma eterna poesia. Ora a tristeza que surge nas grandes "secas", ora a esperança que vibra nas imensas "queimadas". E nêsses longos intervalos surge sempre a alegria de um baile no "carramanchão" ou a disputa de uma "penca", enquanto o violeiro bonachão improvisa versos à sua bem amada, ou o domador valente monta o incontrolável "redomão".

O Rio Grande do Sul é assim... E um poeta já disse:

..."O Rio Grande do Sul é um poema..."

—F—I—M—

"Se..."

Rudyard Kipling

Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo mundo em redor já a perdeu e te culpa,
De crer em ti quando estão todos duvidando
E para êsses, no entanto, achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretencioso

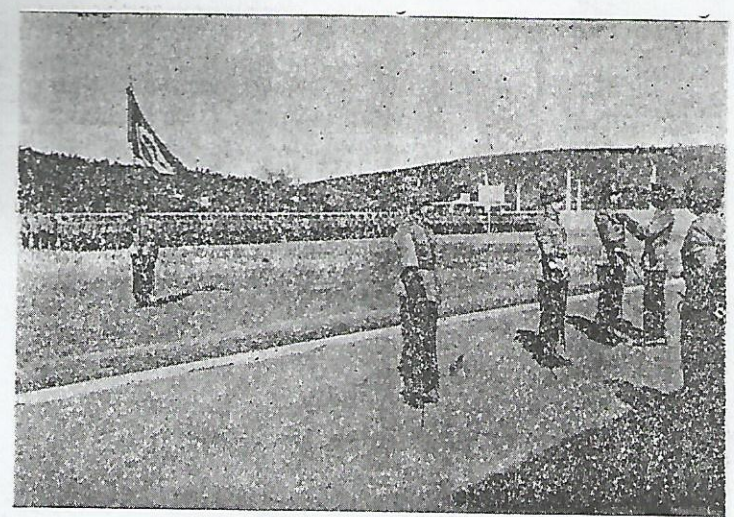
Se és capaz de pensar — sem que a isso só te atires;
De sonhar sem fazer dos sonhos teus senhores;
Se, encontrando a Desgraça e o Triunfo, conseguires
Tratar da mesma forma a êsses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
Em armadilhas as verdades que disseste
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em tôda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado, tornar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que fôr que nêles ainda existe.
E a persistir assim quando, exausto, contudo,
Resta a vontade em ti, que ainda ordena: Persiste!

Se és capaz de, entre a plebe não te corromperes;
E, entre Reis, não perder a naturalidade
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes;
Se a todos podes ser de alguma utilidade;
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo valor e brilho:
Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,
E — o que ainda é muito mais — és um homem, meu filho!

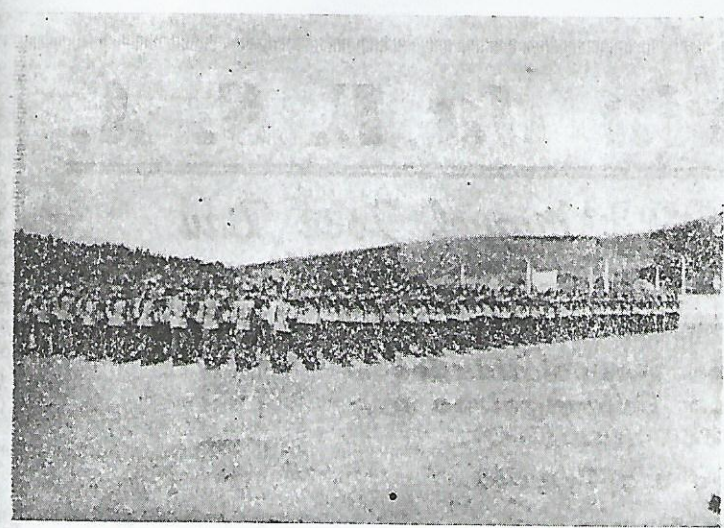
Tradução de *Guilherme de Almeida*

DIA DO SOLDADO

Brilhantes solenidades tiveram lugar na ESA em comemoração ao dia 25 de agosto, o Dia do Soldado. Alem do Juramento à Bandeira Nacional proferido pelos novos alunos e soldados do Contingente teve lugar a condecoração de vários oficiais que receberam suas medalhas das mãos do Ten. Cel. Claudionor Macário dos Santos, sub-comandante da Escola no impedimento de nosso Comandante que, na mesma hora e em solenidade identica, recebia, no Rio de Janeiro, a Medalha da Ordem do Mérito Militar com que foi agraciado.

O Ten. Cel. Macário, Sub-Cmte. da E. S. A. condecora os oficiais agraciados

25 de Agosto

Os demais oficiais condecorados foram o Maj. José Bernardo Leitão de Souza, com a Medalha Militar, o Cap. Luiz Carlos Vieira Duque com a Medalha de Esforço de Guerra e o Cap. Mário Dias com a Medalha de Campanha da Força Aérea Brasileira.

Após a condecoração dos oficiais os novos alunos e soldados, deante do Pavilhão Nacional proferiram o sagrado Juramento prometendo, olhos fitos na Bandeira, dedicarem-se inteiramente ao serviço da Pátria, defendendo-a mesmo com o sacrificio da própria vida.

Os alunos e soldados no momento em que proferiam o Compromisso à Bandeira

Dia da Independencia

SETEMBRO
7
1951

As Bandeiras Históricas do Brcsil

𝒩a data em que o Brasil comemorou mais um aniversário de sua Independência, amanheceu festiva a risonha cidade de Três Corações, acordada pelas salvas de Artilharia e pelos acordes vibrantes dos clarins.

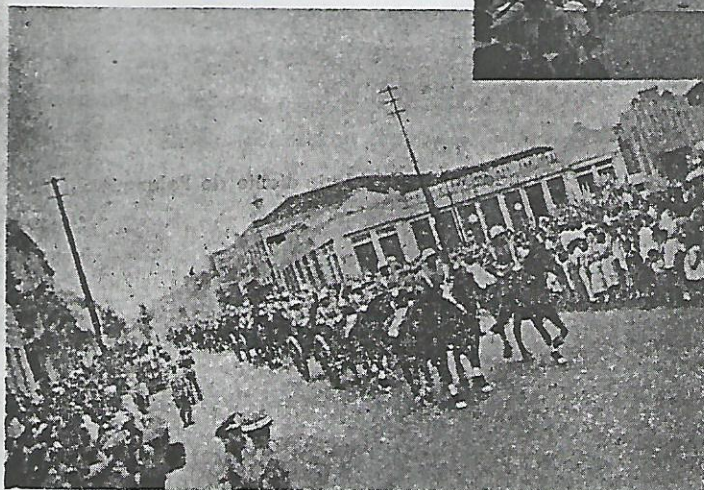
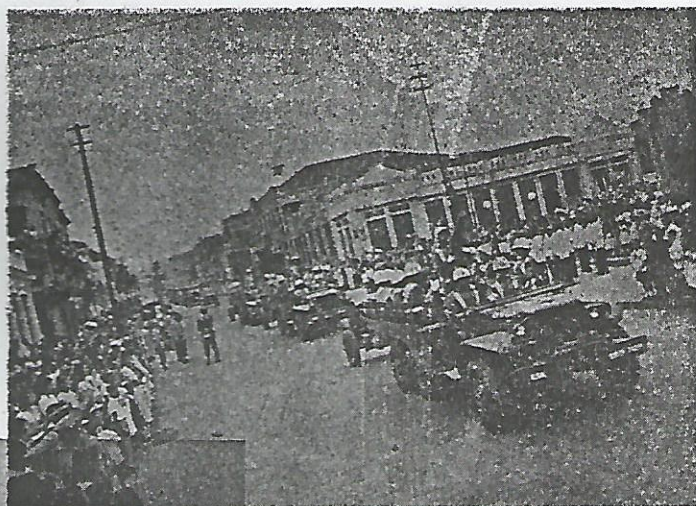
Sob o mesmo céu azul que assistiu ao memorável "Grito do Ypiranga", ecoaram em Três Corações os rufos dos tambores de mistura com o tropel da cavalhada, o rodar dos canhões, o ronco dos motores e as sereias dos carros de combate.

Mais uma vez vibrou o coração mineiro ante o imponente espetáculo que é o desfile da Escola de Sargentos das Armas em comemoração à nossa magna data.

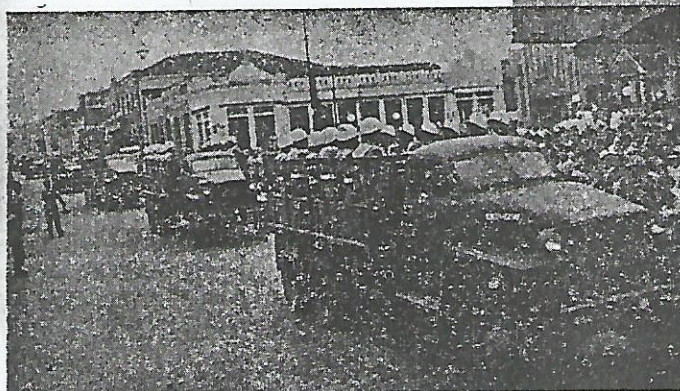
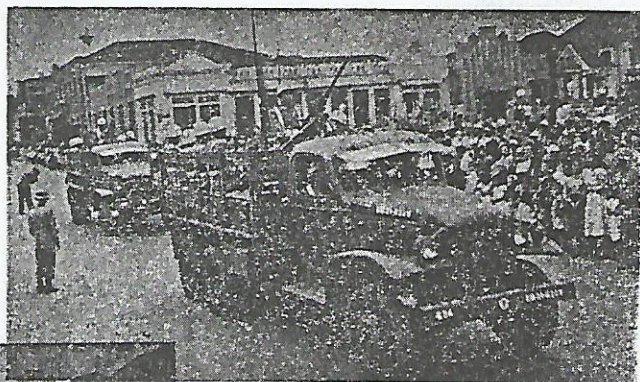
Com o mesmo garbo dos seus antecessores, os alunos e soldados de 1951 souberam arrancar calorosos aplausos da multidão pela correção, marcialidade e entusiasmo com que desfilaram.

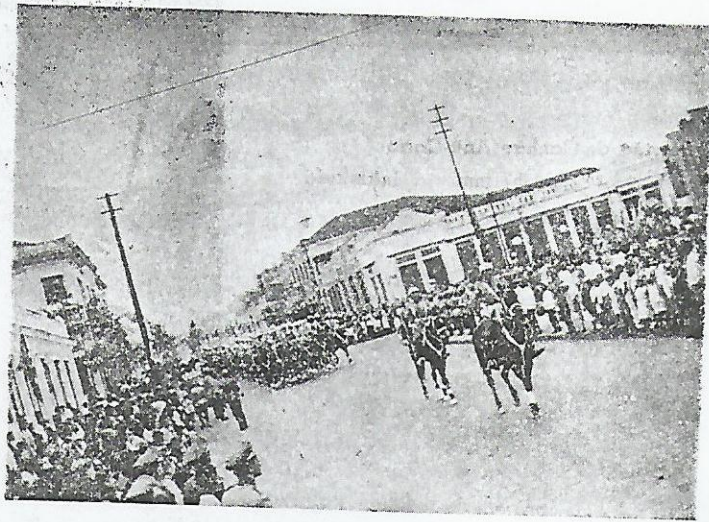
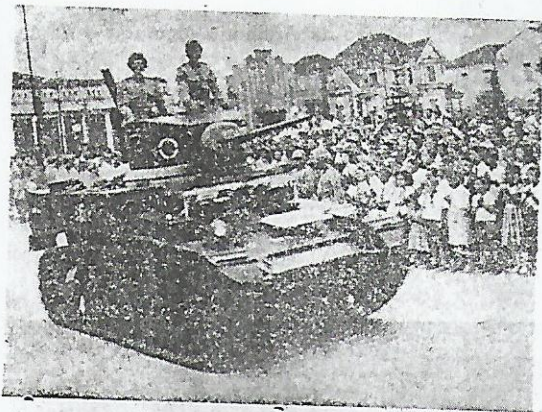
A brilhante e impecável Infantaria da ESA

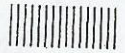
INFANTARIA

Pelotão de Canhão Anti-Carro
de 57 mm — Infantaria

ARTILHARIA

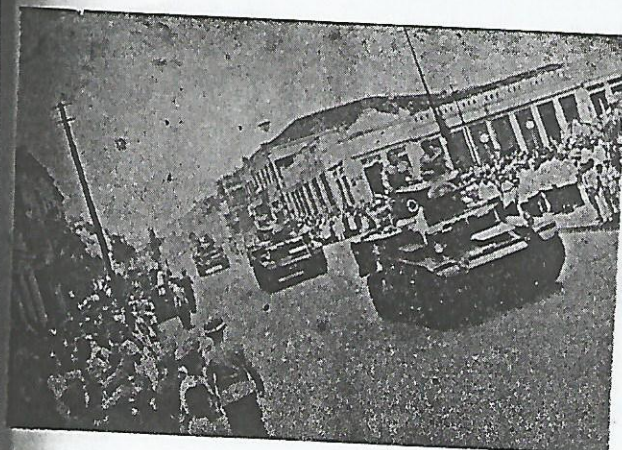
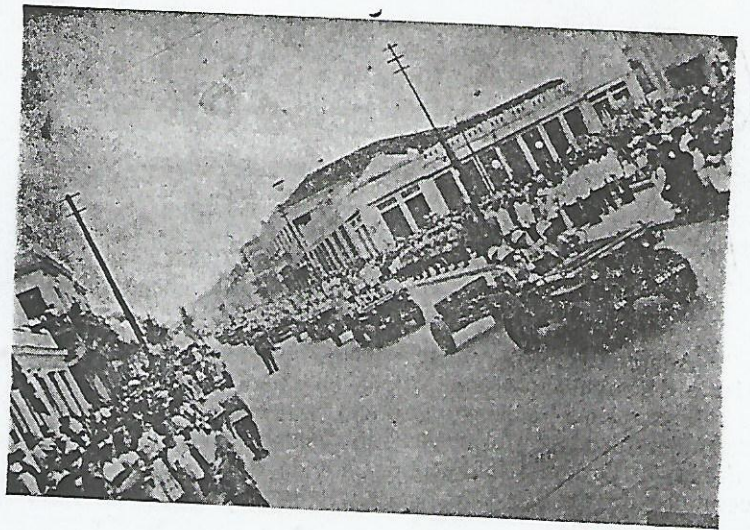
Secção de Artilharia Montada 75 mm

Bateria de Artilharia Motorizada de 105 mm

ENGENHARIA

A Companhia de Engenharia

O Esquadrão de Cavalaria diante do Palanque

Carro do Cmt. do Pel. de Reconhecimento Mecanizado

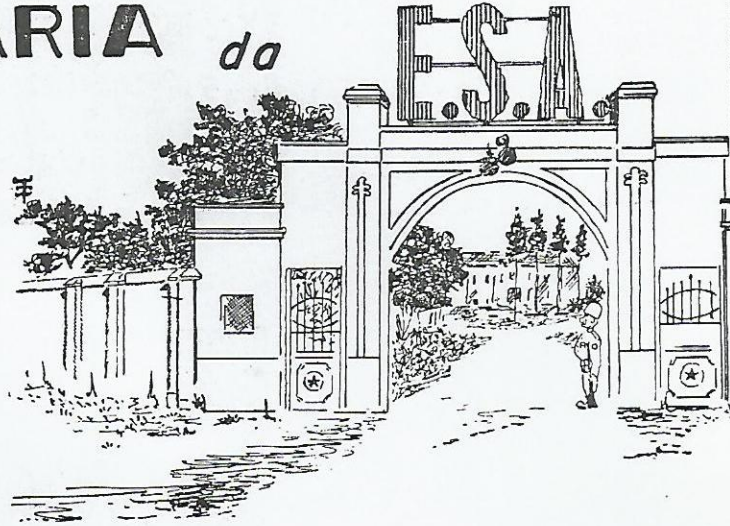
A Cia. de Cmdo. e Serviços, marcial e corretamente desfila

NA TERRA QUE FOI O BERÇO DO INOLVIDAVEL 4.º R. C. D. PELA PRIMEIRA VEZ DESFILA A MODERNA CAVALARIA REPRESENTADA PELAS SUAS DIFERENTES MODALIDADES:

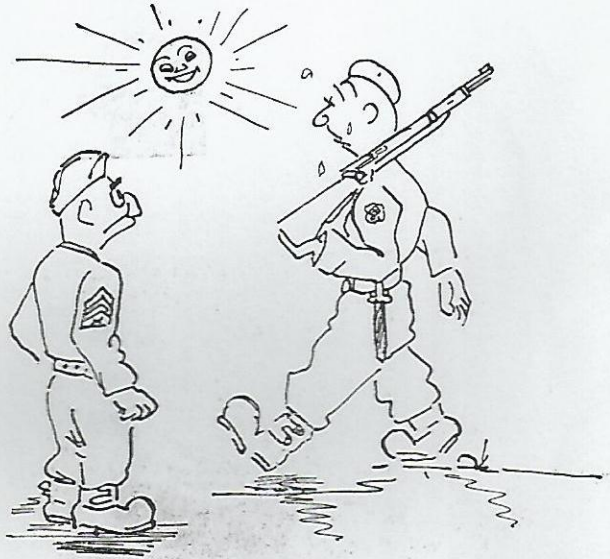
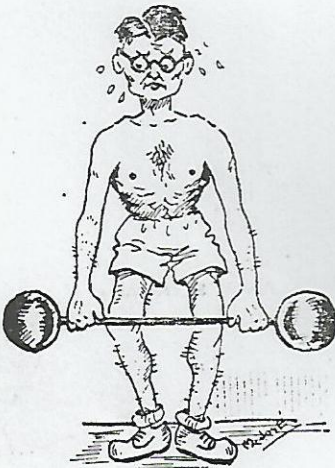
HIPOMOVEL . . .

CAVALARIA MOTORIZADA . . .

. . . E CAVALARIA BLINDADA

TEXTO DE:
SGT. FRANCISCO G. DA SILVA

DESENHOS DE:
SGT. JUSTO RIOS CABRAL

do aluno de INFANTARIA *da*

"BICHO" — Aprovado no rigoroso exame de seleção, ei-lo chegando à Escola para ser matriculado.

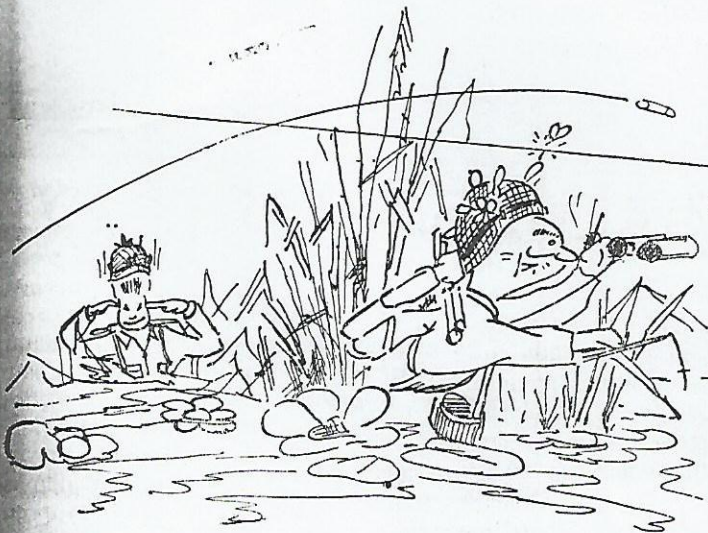
Adaptando-se à vida escolar, para críar e desenvolver o espírito de coesão e os reflexos de obediência que são fatôres preponderantes na formação do soldado, enfrenta a Ordem Unida, onde a vida do recruta é dura e...

...na Educação Física, adquire a disposição indispensável para enfrentar não só as instruções práticas...

...como tambem as longas horas de estudo noturno...

...depois da instrução diária. O desenho deixa transparecer algo, expressivamente; nem todos têm a faculdade de aprender os assuntos abordados nas aulas sem que tenham de "meter um gagá" nos polígrafos, nas horas de folga.

Após uma das marchas de treinamento, descansa um pouco; ao mesmo tempo medita o que dirá...

...ao Sargenteante, para obter uma dispensa da revista do recolher, e, retratando na memória a fisionomia da garota, emprega tôda a lábia que possui para não fracassar no seu intento.

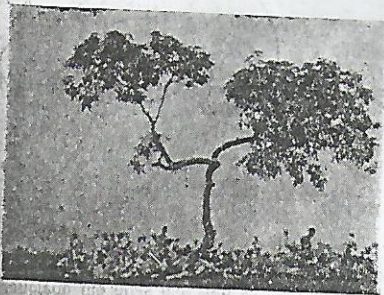
Nas manobras, aplica os conhecimentos que lhe foram ministrados no decorrer do curso, os quais lhe darão o conceito final para receber o almejado...

...DIPLOMA DE SARGENTO, justo prêmio pelos seus esforços dispendidos durante as quarenta semanas de estudo contínuo. Concluído o curso com aproveitamento, aguarda a breve classificação numa das Unidades Militares que têm séde em qualquer dos Estados da nossa querida Pátria, onde irá transmitir aos jóvens brasileiros, os conhecimentos adquiridos nêste modelar estabelecimento de ensino militar, que só tem dado ao Brasil, Sargentos dignos de pertencerem ao nosso glorioso EXÉRCITO.

"O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA COM O SEU DEVER"

Museu da Infantaria

Fomos encontrar no Museu Escolar um velho album de fotografias da saudosa E.S.I. de onde extraimos as fotografias que ilustram esta página. Nosso objetivo ao rebuscar velhas reliquias foi o de dar um apoio incontestavel aos nossos Sargentos antigos, Sub-Tenentes e Oficiais que vivem nos traquejando e taxando-nos de "chorões", terminando sempre por afirmar: "No meu tempo... aquilo que era dureza!" Geralmente o aluno moderno, olha-o meio incrédulo e pensa: "Será que o curso de Sargento podia ser mais dureza do que é?" Ora, aí está uma prova de que, pelo menos para o Infante, as coisas melhoraram, e muito. Comparem a carga deste "infante modelo 1922" com a de hoje e verão que o velho superior tem razão.

Comparando a mochila de hoje com estas das fotografias ao lado, já pensaram de que tamanho eram as mochilas que os nossos bisavós conduziram no Paraguai?

A ARVORE ESGALHADA

A foto ao lado já pode ser relacionada entre os documentos transferidos para o Museu Escolar. Sim, porque a árvore esgalhada, ali naquela cota 30 á margem da Estrada Real de Santa Cruz foi, durante varios anos, o ponto preferido pela Infantaria da E.S.A. para a instrução ou para repouso na sua minguada sombra.

Sob esta mesma árvore, sentaram-se anos a fio os cadêtes da velha Escola Militar do Realengo e hoje, talvez saudosa dos cadêtes e dos alunos da ESA abrigue a árvore esgalhada, à sua sombra, novos soldados, e esteja ouvindo as mesmas instruções que aprendeu junto com os alunos e escutando as mesmas piadas e os mesmos resmungos.

Perfeição

A Cia. de Infantaria da E S A durante uma magistral demonstração de ordem unida executada durante os festejos do 1.º aniversário da instalação da Escola em Três Corações

Esta é velha... mas ainda tem graça

E agora temos aquela do Cabo da Guarda que não gostava de repetir constantemente a mesma palavra. Certa vez, na ausência do Sargento, êle teve de colocar a Guarda em forma para prestar continência a um General e procedeu do seguinte modo:

— Guarda sentido!

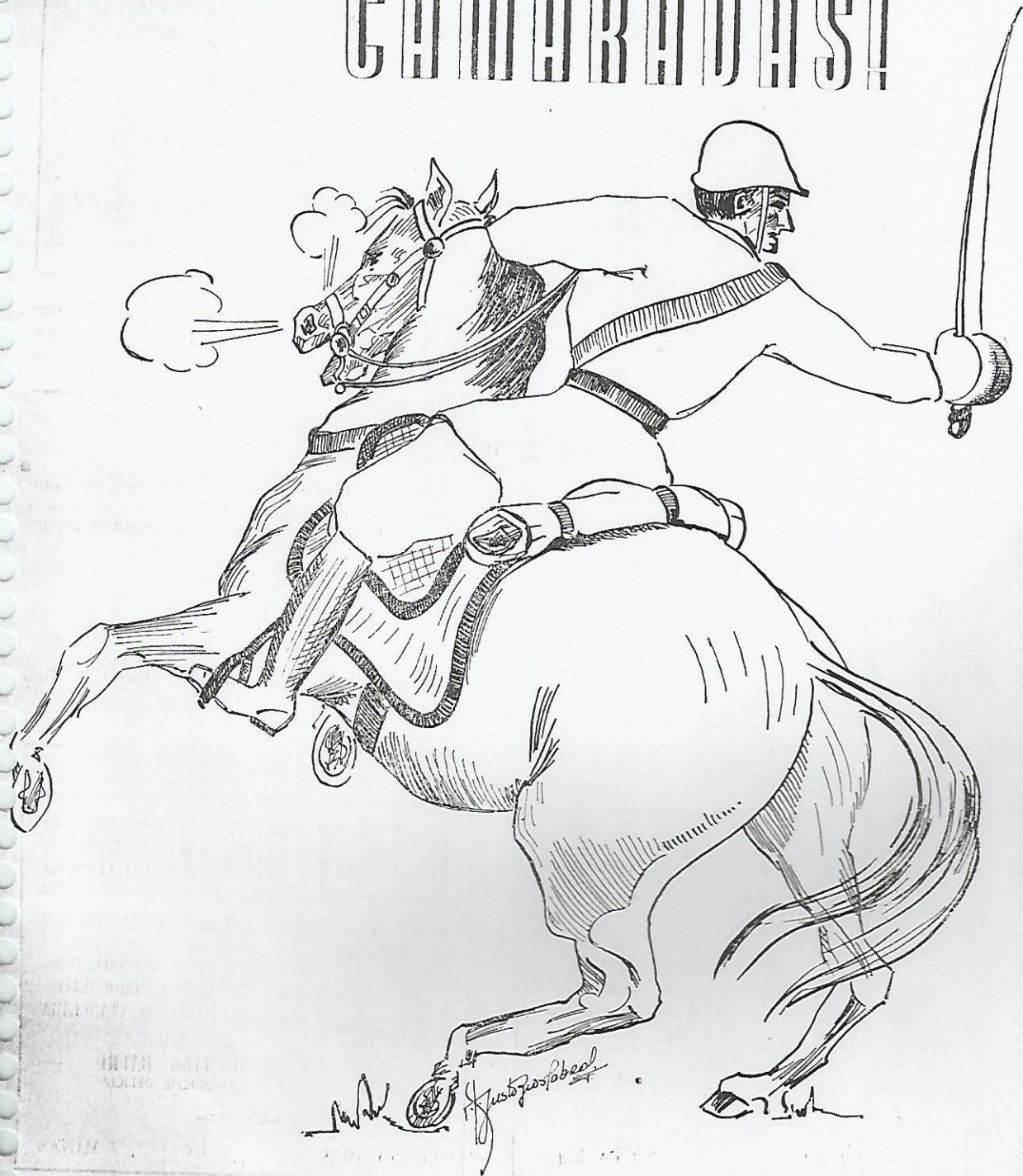
— Ombro Armas!

— Apresentar as mesmas!

— Descansar as ditas!

Então o General, num tom de imitação e irado, disse para o Oficial de Dia:

— Prenda o cujo....

MAIS UMA CARGA CAMARADAS!

ANDRADE NEVES *Barão do Triunfo*

Palestra proferida pelo 1°. Tenente Bitencourt por ocasião da posse da nova diretoria do Grêmio «Sgt. Barbosa», do Esquadrão de Cavalaria por ter sido dado nesta mesma data a cada pelotão um patrono

Alunos do Esquadrão de Cavalaria da E. S. A.!

Alunos do 4°. Pelotão!

Foi com satisfação que recebi a vossa escolha para patrono do 4°. Pelotão o Brigadeiro Andrade Neves. Vossa escolha não poderia ser mais feliz!

A vós, camaradas do 4.o Pelotão, que recebeis neste momento como patrono um dos maiores vultos de nossa cavalaria, tendes o dever sagrado de honrar a memória deste grande chefe. Meditai um pouco e atentai para os princípios de cumprimento do dever, abnegação, dedicação, espirito de renúncia, valentia, denodo e audácia, que nos legou.

De uma maneira sucinta falarei um pouco sôbre a vida deste grande vulto que foi o Brigadeiro honorário da Guarda Nacional, JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES, o "Barão do Triunfo". Nasceu a 22 de Janeiro de 1807 na cidade riograndense de Rio Pardo. Era filho do Sargento-Mor José Joa-

Cavalaria, entretanto por serem seus parentes de origem humilde, sua profunda vocação foi contrariada pois seu pai teve de chamá-lo para ajudá-lo nos encargos de família.

Voltou ao Exército quando Bento Gonçalves reunira seus correligionários e determinara a célebre revolução Farroupilha. Andrade Neves abraçou a causa a favor do Govêrno, entregando-se de corpo e alma contra as hostes revolucionárias. Nesta campanha destacou-se na batalha da Vila de Triunfo. À frente de seu esquadrão faz prodígios de heroismo e para melhor ressaltar o que foi êste combate transcrevo as palavras de um historiador:

"Um tropel de cavalos e retinir de lanças são as primeiras escaramuças... ginetes garbosos investem furiosamente sobre a cidadela imperial. Mistura-se a cavalaria governista com a cavalaria farrapa. É o entrevero! As avançadas imperiais recuam ante o turbilhão das cargas farroupilhas. Brilham e faiscam espadas de aço bom! Lanças em molinetes procuram o peito dos bravos! A cavalaria farrapa [illegible]

minante carga levando tudo de roldão. O pânico apodera-se das forças imperiais quando Andrade Neves é ferido e a debandada é geral".

— Quando Caxias conseguiu a paz honrosa com os farrapos, o vanguardeiro voltou para a sua vida civil pois a causa que defendera saia vitoriosa. Reinava a paz na Nação.

Êle que ingressara como simples combatente saia um guerreiro consumado. Seu destino era a cavalaria. Desde a mais tenra infância aprendera a bem cavalgar nas lides dos pampas. Era um equitador de primeira, tão adestrado que montando um potro bagual mandava sujeitar o animal enquanto colocava duas moedas de cobre em cada sapata do estribo pousando sôbre elas a ponta da bota; depois de mil corcovos e carreiras parava, o potro ofegante e domado, lá estavam as duas moédas no mesmo lugar.

Em 1850 o ditador Manoel Rosas, da Argentina, teve a audácia de invadir a Vila de Uruguaiana. Novamente Andrade Neves é chamado a servir à pàtria. Em avanço formidavel, pouco tempo depois as tropas brasileiras penetravam em Buenos Ayres.

O Barão do Triunfo mais uma vez cobriu-se de Glórias, é promovido ao posto de coronel.

A trombeta de guerra ecoou novamente pelas campinas do Rio Grande do Sul conclamando seus filhos para a luta! Desta vez contra o Uruguai, nossa Bandeira era alí enxovalhada, nossos patrícios perseguidos. O govêrno do Brasil requisitou suas forças e a Andrade Neves foi entregue o comando de uma Brigada. Pouca resistência encontraram as tropas brasileiras em penetrar no coração da terra Uruguaia.

Quasi nenhum descanso foi dado às nossas tropas e já mais um tirano extrangeiro, Francisco Solano Lopez atacava nossas fronteiras. Andrade Neves é comissionado no posto de Brigadeiro e lhe é entregue o comando de uma Brigada de Cavalaria, cuja missão era a de vanguarda das tropas brasileiras. Nessa Campanha quasi sempre foi ele os «olhos da força» que invadia o Paraguai, daí ter sido alcunhado de «o vanguardeiro». Iniciava assim o bravo riograndense a série brilhante de ataques e combates como vanguardeiro nos pantanais inhóspitos do Paraguai. Contudo foi na Vila de Pílar em que mais se destacou, e por êsse grande feito foi-lhe dado o título de Barão do Triunfo, com um brasão que por sí só fala do passado daquele que jamais foi vencido.

Continuava a marcha triunfante sobre a capital inimiga, as batalhas sucediam-se, Humaitá, Potrero Ovelha, Estabelecimento, Avaí e Lomas Valentinas; Andrade Neves continuava com suas demonstrações de arrojo e audácia. Não havia batalha que não terminasse com uma carga do bravo cavalariano, que embora já sexagenário e doente não media sacrifícios para cumprir as ordens recebidas. Sua preocupação era apenas o estado de seus cavalos e a saúde de seus homens.

Já na entrada da capital inimiga o bravo gaucho foi ferido gravemente. No dia seguinte à grande vitória de Lomas Valentinas, nossas tropas penetraram em Assunção. O Vanguardeiro febril deixa o comando de seus soldados e é em uma ambulância que entra na capital do Paraguai. Pouco tempo sobreviveu à grande vitória. Andrade Neves agoniza, um suor de morte empasta-lhe os cabelos, os olhos vão amortecendo aos poucos, delira: naquele instante supremo, enquanto o filho e os amigos a custo sustém os soluços, o Centauro num último arranco ergue-se a meio, no olhar vibrando um derradeiro fulgor, as mãos convulsas agitadas no ar, como se estivesse à frente de seus bravos, comanda arquejante: Mais uma carga camaradas! E tomba para sempre.

CAVALERIANOS

Quem ao visitar a Escola de Sargentos das Armas transpuzer o portão que conduz às baias do Esquadrão de Cavalaria, forçosamente fará uma parada e lerá uma inscrição que, em letras de fôrma assinala o início dos domínios cavalerianos:

«Se não tendes o olhar da águia, a coragem do leão e a rapidez do raio, para traz! Não sois capaz de comandar o furacão da Cavalaria!»

Nestas palavras se inspiram os alunos do Esquadrão para, durante o curso, desenvolverem, a par de uma formação profissional adequada, as qualidades de que necessita o Sargento da «Arma Ligeira», o intrépido Comandante das patrulhas, principal meio de busca de informações de que dispõe o Comando. Por isso se esforça o aluno em demonstrar, no quartel ou no campo, nos estudos ou no combate, no picadeiro ou na praça de esportes, a fibra tenaz do Cavaleriano, a perspicacia necessária ao Comandante da patrulha, a iniciativa indispensavel ao chefe, a inteligencia e rapidez de raciocinio que não devem faltar àquele que observa, age e informa no menor prazo possivel.

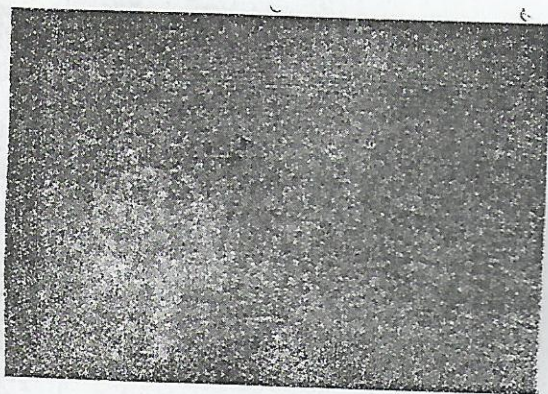
Mais adiante, encontrará o visitante outra inscrição gravada no alto da caixa dágua e que foi extraida do Alcorão. Nela se lê: «A verdadeira felicidade está no livro dos sábios, no coração das mulheres e no dorso dos cavalos.»

Nesta frase encontra o Cavaleriano a inspiração para cultivar sua inteligencia aprimorando sua cultura, para o amor à mulher, à doce e meiga companheira e o amor ao cavalo, seu fiel amigo, companheiro inseparavel na paz e na guerra.

NO QUARTEL

E NO CAMPO

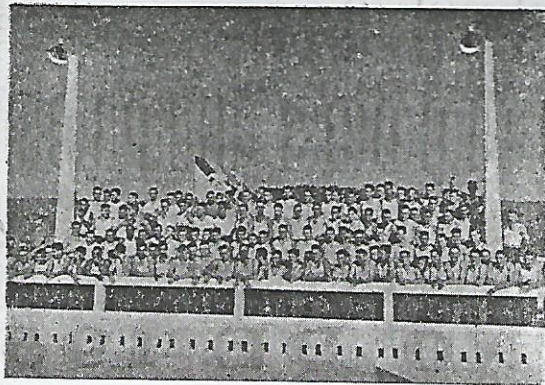
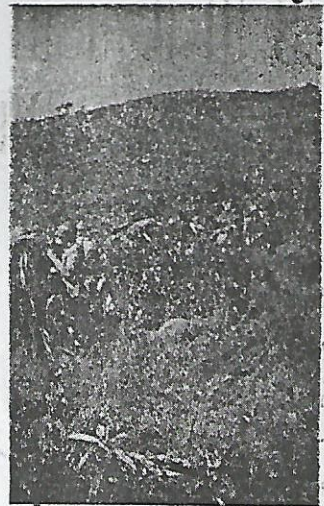
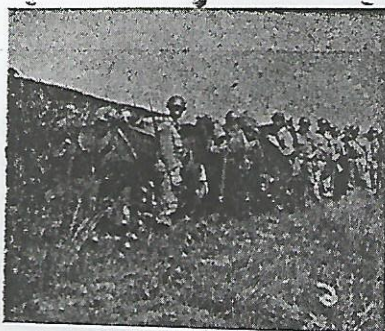
Flexibilidade e arrôjo a cavalo ..

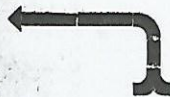
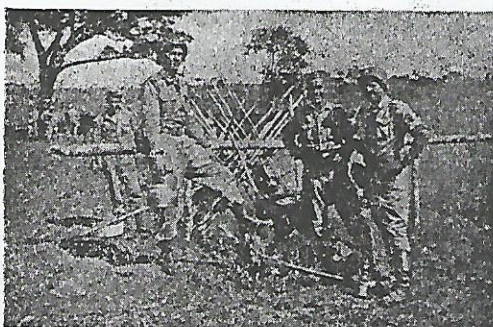
.. habilidade no emprego do armamento
e audacia no combate a pé...

... são caracteristicas da Arma Ligeira que não conhece obstáculos que detenham sua arrancada.

Cavalos

e

Cavaleiros

vencem a correnteza dos rios como vencem os obstáculos em terra.

Nas competições esportivas, como no combate, a cooperação é uma necessidade. A união faz a força.

Em campanha o Cavaleriano nunca se descuida no trato do seu cavalo e todos os momentos são aproveitados...

...para cuidar do "matungo" e do arreiamento, finda uma longa marcha,...

Só após ser tratado e alimentado o cavalo, pode o cavaleiro aproveitar o repouso tranquilo do acampamento...

...onde não devem faltar um suculento churrasco, o "gauchissimo" chimarrão e as conversas ao pé do fogo.

Resultados de Competições Hipicas na E. S. A. no ano de 1951

Calendario D. D. E.

OFICIAIS

Prova Comandante Batisteli (Adestramento)

1.o lugar - Cap. Berford - mont. Cigano
2.o lugar - Cap. Ivanildo - mont. Topazio
3.o lugar - Cap. Edmundo - mont. Perigo
4.o lugar - 1'. Ten. Renato - mont. Artista

Prova Itororó (Cross Country)

1.o lugar - 1'. Ten. Ururahy - mont. Zumbí
2.o lugar - 1'. Ten. Apolonio - mont. Xirú
3.o lugar - 1'. Ten. Ramiro - mont. Katia
4.o lugar - 1'. Ten. Bitencourt-mont. Buitã

Prova Passo da Patria (Classe A)

1.o lugar - 1. Ten. Renato - mont. Sabiá
2.o lugar - 1. Ten. Ramiro-mont. Guaratã
3.o lugar - 1. Ten. Ururahy - mont. Bolero
4.o lugar - 1. Ten. Paulo - mont Icatú

Prova Lomas Valentinas (Classe B)

1.o lugar - 1. Ten. Apolonio - mont. Xirú
2.o lugar-1. Ten. Bitencourt-mont. Guaratã
3.o lugar - 1. Ten. Renato - mont. Artista
4.o lugar - 1. Ten. Samuel - mont. Cossaco

Prova Montese (Classe C)

1.o lugar - 1. Ten. Ururahy - mont. Zumbí
2.o lugar-1. Ten. Ramiro-mont. Guaratã
3.o lugar-1. Ten. Bitencourt mont. Sabiá
4.o lugar - Cap. Berford - mont. Cigano

Prova Monte Castelo (Classe C)

1.o lugar - 1. Ten. Apolonio - mont. Xirú
2.o lugar-1. Ten. Bitencourt-mont. Acajú
3.o lugar - 1. Ten. Renato - mont. Sabiá
4.o lugar-1. Ten. Samuel-mont. Cossaco

Prova Duque de Caxias (Classe D)

1.o lugar-1. Ten. Apolonio-mont. Amigo
2.o lugar - 1. Ten. Renato - Mont. Sabiá
3.o lugar - 1. Ten. Renato - mont. Artista
4.o lugar - Cap. Ivanildo - mont. Cossaco

SARGENTOS

Prova Realengo (Cross Country)

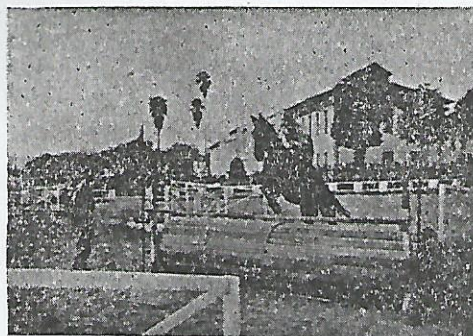
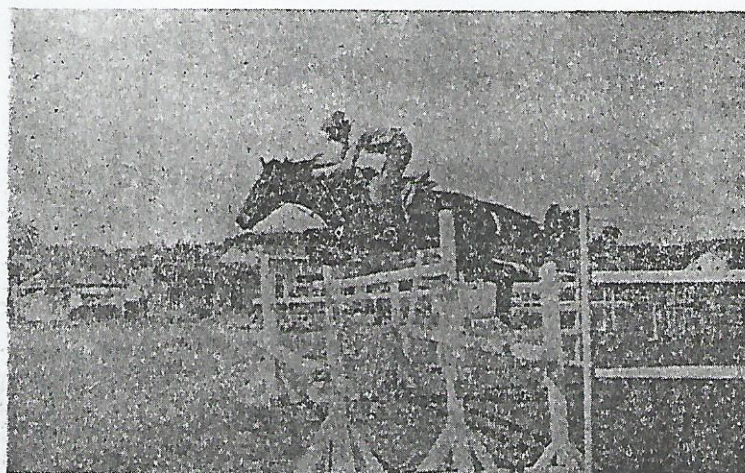
1.o lugar - sgt. Dutra - mont. Cuba
2.o lugar - sgt. Dutra - mont. Tigre
3.o lugar - sgt. Borges - mont. Rex
4.o lugar - sgt. Cleto - mont. Buriatã

Prova Riachuelo (Classe A)

1.o lugar - sgt. Duclou - mont. Corisco
2.o lugar - sgt. Dutra - mont. Cuba
3.o lugar - sgt. Borges - mont. Rex
4.o lugar - sgt. Gomes - mont. Boneco

TEN. BITENCOURT MONTANDO GURY

TEN. RAMIRO MONTANDO GUARATÃ

Ten. Iris montando Rajá

Ten. Ururahy montando Zumbí

Ten. Lário

Prova Antonio João (Classe B)

1.o lugar - sgt. Borges - mont. Rex
2.o lugar - sgt. Duclou - mont. Corisco
3.o lugar - sgt. Dutra - mont. Cuba
4.o lugar - sgt. Guilhote - mont. Tank

Prova General Osorio (Classe B)

1.o lugar - sgt. Duclou - mont. Corisco
2.o lugar - sgt. Cleto - mont. Buriatã
3.o lugar - sgt. Dutra - mont. Cuba
4.o lugar - sgt. Rosa - mont. Tufão

Prova João Manoel (Classe B)

1.o lugar - sgt. Duclou - mont. Corisco
2.o lugar - sgt. Duclou - mont. Marengo
3 o lugar - sgt. Dutra - mont. Moleque
4.o lugar - sgt. Vitor - mont. Palito

Prova D. D. E. (Classe A)

1.o lugar - sgt. Duclou - mont. Corisco
2.o lugar - sgt. Dutra - mont. Moleque
3.o lugar - sgt. Vitor - mont. Palito
4.o lugar - sgt. Gomes - mont. Relampago

PROVAS INTERNAS

OFICIAIS

Passo da Patria (Classe B)

1.o lugar - Ten. Samuel - mont. Cossaco
2.o lugar - Ten. Renato - mont. Artista
3.o lugar - Ten. Renato - mont. Sabiá
4.o lugar - Ten. Ramiro - mont. Guaratã

Prova de Estacionatas

1.o lugar - Cap. Ivanildo - mont. Cossaco
2.o lugar - 1. Ten Paulo - mont. Bolero
3.o lugar - 1. Ten. Apolonio - mont. Xirú

Prova Humaitá (Classe B)

1.o lugar - 1. Ten. Renato - mont. Artista
2.o lugar - 1. Ten. Apolonio - mont. Amigo
3.o lugar - Cap. Berford - mont. Corisco
4.o lugar - 1. Ten. Ramiro - mont. Guaratã

Prova Castelnuevo (Classe B)

1.o lugar - Cap. Berford - mont. Corisco
2.o lugar - 1. Ten. Ramiro - mont. Guaratã
3,o lugar - 1. Ten. Apolonio - mont. Xirú
4.o lugar - 1. Ten. Bitencourt - mont. Açajú

SARGENTOS

Prova Porto Alegre (Classe A)

1.o lugar - sgt. Borges - mont. Rex
2.o lugar - sgt. Gomes - mont. Relampago
3.o lugar - sgt. Saper - mont. Palito
4.o lugar - sgt. Duclou - mont. Corisco

Competição com a A. M. A. N.

Prova «AGULHAS NEGRAS»

Os oficiais da representação hípica da A. M. A. N. assistem com o Comando da E. S. A., a uma demonstração do Corpo de Alunos

Disputada na pista da E. S. A. com a participação de 8 cavaleiros da Academia Militar e 9 da Escola de Sargentos, num total de 24 cavalos dos quais 13 eram conduzidos pelos oficiais visitantes e 11 pelos oficiais da E.S.A.

A prova que foi disputada num percurso de 600 ms., sobre obstáculos de 1,20 ms., apresentou, no final, o seguinte resultado:

Sensacional flagrante de uma «rodada» espetacular do Cap. Schimidt da equipe da A. M. A. N.

1º lugar — Cap. Bica (A.M.A.N.) mont. Jaguary

2º lugar — Cap. Sampaio (A. M. A. N.) mont. Caramelo

3º lugar — Ten. Iris (E. S. A.) mont. Bolèro

4º lugar — Ten. Renato (E. S. A.) mont. Sabiá

5º lugar — Ten. Bitencourt. (E. S. A.) mont. Acajú

6º lugar — Ten. Renato (E. S. A.) mont. Artista

Os concorrentes apresentam-se antes do inicio da prova.

POLO

Escola de Sargentos das Armas x Academia Militar das Agulhas Negras

Prosseguindo com uma tradição que nos legou o 4.o R.C.D. a Escola disputou duas partidas de polo com a Academia Militar das Agulhas Negras. A primeira partida, que foi disputada em Resende, foi vencida pela equipe de oficiais da A. M. A. .N pelo escore de 5 x 4, decidida na prorrogação. Neste embate a E. S. A. foi representada pelo seguinte quadro: 1: Ten Ururahy 2: Ten. Ramiro, 3: Cap. Berford, 4: Ten. Apolonio, Reserva: Cap. Jarecyl.

Retribuindo a visita, a equipe de polo da A.M.A.N. veio a Três Corações onde disputou a segunda partida com a E.S.A., a qual decorreu num ambiente de técnica e cordialidade, apenas prejudicado pelo estado escorregadio do campo em virtude das chuvas. Embora apresentando um quadro forte e homogêneo e uma cavalhada excepcional, a Academia Militar foi derrotada pela E.S.A. pela contagem de 9 x 5, depois de estar vencendo, nos primeiros tempos, de 4x1. Alem da reação empreendida pelo quadro da E. S. A. tambem contribuiu para a mudança do placard a saída do Capitão Schmidt, da equipe da A.M.A.N. vitima de um acidente.

A' AMAN Hip! Ráááá

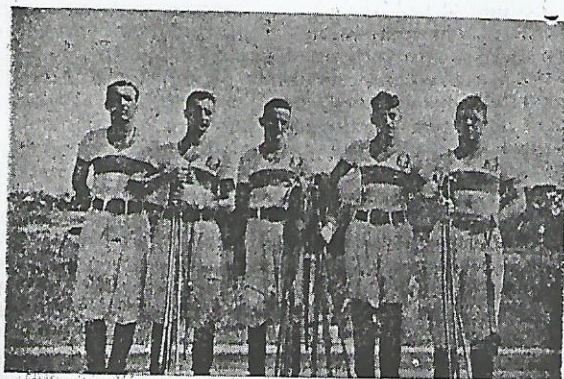
O quadro de polo da E.S.A.

As equipes disputantes formaram assim constituidas:

A.M.A.N:

1- Cap. Schmidt (depois Ten. Ernani)
2- Cap. Fragomeni
3- Cap. Sampaio (depois Ten. Brocchi)
4- Cap Bica

E.S.A.

1- Ten. Ururahy
2- Ten. Ramiro
3- Cap. Berford
4- Ten. Apolonio
Reservas: Ten. Renato e Ten. Lario

Um mergulho no passado

Por: Taes B. OLIVEIRA

SINVAL, do alto do sêrro descortinou ao longo o trajeto que tinha ainda que andar. Encontrava-se em férias e estava passando uns dias na estância de sua avó. Naquele momento ele ia visitar o seu tio Jango, em companhia de Gilda e Mário. Eram seus primos. O vento fresco da campanha fazia voar a linda cabeleira de Gilda. Sinval, impecável em seu uniforme verde-oliva, olhava-a sonhadoramente.

– Lá em baixo, na encosta do morro, fica o Buraco da Sombra. — Disse Mário.

—O que é isso? — Inquiriu Sinval.

—Quer dizer que não sabes.. é uma caverna sombria.. pelo que sei ninguém até hoje encontrou o seu fim. Muitas já foram as tentativas... Vamos lá para veres...

. . . .

Era um enorme buraco de uns três metros de diâmetro, formado na rocha. Sinval gritou. Daí a momentos ouviram o éco que respondia, primeiramente forte, depois mais fraco, até se sumir de todo. Sua entrada era clara, devido ao sol vespertino. A lage que formava seu piso, devido, talvez, à erosão da água e do vento, era lisa, formando uma variedade de côres.

—Esperem-me aqui, que eu vou ver o que tem lá dentro.

—O seu interior é tão escuro.. é melhor não tentares. — Disse Gilda.

—Não tem importância. Levo fósforos.

Sinval embrenhou-se na caverna. A princípio sentiu um leve temor, depois notando segurança em si, caminhou em frente. Não havia dado cem passos quando sentiu um agradável aroma. Aspirou com prazer... acendeu um fósforo. A caverna era ampla e as lages mantinham ainda aquelas formas simétricas e coloridas.. Sentiu-se maravilhado com aquele espetáculo e nem notou que uma moleza lhe ia relaxando os músculos. Aos poucos aquele cheiro lhe ia inebriando, e uma núvem colorida, parecendo o arco íris, nublou-lhe os olhos... parecia ouvir uma agradável música, até que seus pensamentos toldaram-se de todo... e dormiu...

. . . .

Quando acordou se encontrava deitado num amplo aposento com as características tôdas de uma sala de estar. As janelas de vidro, com as cortinas abertas, ofereciam aos seus olhos um maravilhoso espetàculo. Sentia ainda aquele agradável aroma, e a sinfonia lhe deliciava os ouvidos, dando-lhe um reconfortante bem estar. Olhou admirado para aquela maravilha tôda e, procurou lembrar-se do que havia acontecido. Entretanto viu que de nada mais se recordava senão daquele aroma inebriante e daquela música deliciosa. Assim estava, agitado em pensamentos, quando uma das portas se abriu, e no seu claro apareceu um moço alto e aloirado, trazendo em uma das mãos um cálice contendo um líquido colorido.

—Talvez estejas assustado... — Disse o moço — Mas, não há o que recear. Na cidade Atlas todos são irmãos... Talvez gostarás de saber que se encontra na cidade Atlas — o Deus da Eternidade.

Sinval olhou assustado para o homem, esfregou os olhos pensando estar sonhando. Seu quepe encontrava-se sôbre uma mesa de metal esverdeado. Fechou os olhos. = Não. Não estava sonhando... Mas, era demais para ser realidade. Olhou incrédulo para o moço.

—A reação é normal. — Continuou o extranho — Um choque traumático provoca em indivíduos fìsicamente inferiores, os sintomas da esquizofrenia. Tome um pouco de "atizina" e se sentirá melhor.

—Não compreendo! = disse Sinval = Onde estou?

O moço continuou:

—A cidade Atlas fica a 5 quilômetros da superfície. Seu vértice, cuja segurança e perfeição, demonstra um dos mais belos trabalhos de Engenharia, fica sòmente a três quilômetros de profundidade. Nossa história é longa, começa a quinze mil anos, quando a soberba Atlântida florecia rica e pacífica, na superfície da terra. Intelectualmente inferiores, seus habitantes mantinham ainda o sistema governamental, baseado em dogmas rigorosos tangendo em grande parte a liberdade científica. Os sentimentos materiais e a fôrça bruta eram os principais meios de sua supremacia, o que tornavam-na numa aglomeração de homens sedentos de bens passageiros, devido às constantes lutas. Entretanto, alguns de seus habitantes, Xará, Erecym e outros, mantinham nos montes de Barí, uma academia de ciências, nos estudos das desintegrações dos átomos o que veio salvá-los de uma terrível catástrofe em que pereceu a maioria dos seus habitantes. Foi a aproximação de um astro volante, causando uma revolução do oceano que desintegrou Atlantida, a qual submergiu, sucumbindo seus habitantes. Erecym, nos montes de Barí, em companhia de outros, desintegrando os átomos provocou a fôrça da repulsão afastando o astro volante. Já era tarde entretanto. Atlântida havia desaparecido para sempre. Com a explosão houve um vácuo na atmosfera, ocasionando a queda dos montes de Barí que seguindo Atlantida, submergiu. As portas herméticas, entretanto, salvaram seus habitantes da pressão da água. Assim permaneceu por vários anos um punhado de homens decididos, na luta pela própria sobrevivência. Erecym e Xará procuraram recompor a famigerada Atlântida criando nas cavernas de Barí uma nova cidade, onde a ciência predominasse, dando ensêjo à reprodução controlada de seus descendentes, pois, a Academia dos Montes de Barí incluia entre seus discipulos a igualdade de condições sexuais. Possuidores da "Vitalizina" os atlantes de antanho controlavam a longa vida desde que a morte não se manifestasse em forma de

acidentes ocasionais, o que eram raríssimos, com a submersão, entretanto, a calamidade culminou, sobrevivendo apenas os componentes da academia dos montes de Barí. Erecym e Xará, controlaram aquele punhado de cientistas, reorganizando a academia, criando novos processos de engrandecimento científico, ao mesmo tempo que a Engenharia se avolumava nas pessoas de Saboni e Salini, que projetavam uma gigantesca, abóbada capaz de abrigar um número considerável de pessôas, dando-lhes a impressão de viver na própria superfície da terra. Oitocentos anos foram gastos para tornar em efeito tal empreendimento. Não foi, entretanto, nas profundezas do oceano que se originou. A pressão da água é diretamente proporcional à sua profundidade. A terra firme nos oferecia melhor campo de operações. Digo "nos" porque naquela época eu tinha trinta e cinco anos..

—Não compreendo — atalhou Sinval — quer dizer..

–Exatamente. Já conto com treze mil e quatrocentos anos de existência.

Estarei louco ou sonhando?! Por favor pare por aí! Quero descançar. Amanhã, talvez me acorde conversando com uma pessôa normal que tenha no máximo oitenta anos de idade.

Sinval fechou os olhos e ouviu mais uma vez aquela música agradável e aspirou forte aquele inebriante aroma.

FIM

BATERIA ATIROU!

Bateria atirou! Este é o grito alegre do Artilheiro, orgulhoso porque ele significa que uma chuva de obuzes corta os ares em busca das posições inimigas, aonde vae levar «a morte e a confusão». Marca ele o momento culminante do cumprimento da missão e é, para os combatentes das outras Armas, uma alegre e suave sentença pois, ao ouvi-lo, sentem-se moralmente confortados pelo apoio que lhes dão os irmãos artilheiros.

Esse é tambem o grito que ecôa nas arquibancadas do estádio Cap. Edgar Cavalcanti quando as equipes esportivas da Artilharia assinalam mais um tento ou concretisam uma vitória, lançado aos ares em côro pelos alunos da "Poderosa".

A cavalo ou a motor cumpre a Bateria da E. S. A. todas as suas missões, fazendo ecoar pelas montanhas desta montanhosa Minas Gerais o éco da voz magestosa de seus canhões em tiros profundos e poderosos.

Como todo artilheiro que se preza, tambem o aluno da E. S. A. tem o seu G. B., sua complicada régua de tiro, e seu impenetravel "mistério".

Ciente do seu valor, orgulhoso de sua Arma, o Artilheiro vibra de entusiasmo quando lança aos 4 ventos, a plenos pulmões, o seu grito de: **BATERIA ATIROU!**

Uma demonstração realisada pela Bateria da Escola

O «misterioso» G. B. em ação

Bateria atirou! E todos os binóculos são dirigidos para o objetivo, em plena «Escola de fogo»

Antes e durante o tiro ha papéis sobre as pranchetas, fazem-se cálculos e surgem os comandos que o telefone leva à «Linha de fogo»

Depois do tiro, no acampamento, há violão, pandeiro e samba até a hora do «Silencio»

O TOURO

Al. José Camurça de Oliveira
ARTILHARIA

Numa campina, dourada pelos raios fracos do sol, caminha lentamente um grande animal. Em cada passo, balança pesadamente o corpo. Seu aspecto denota grande calma. Seu olhar é penetrante. De quando em vez faz estremecer o espaço com urros prolongados. As patas rigidas deixam no solo a resistência de suas marcas. Eis o boi, companheiro inseparável do homem do campo, em todos os seus labores. Seus movimentos caracterizam grande mansidão.

O touro, ao contrário, é imperioso. Não obedece a ninguem. Quer antes, ser obedecido à risca. O andar é firme e resoluto. Seus movimentos, enérgicos e decididos.

Quando passeia pelo campo, entre a boiada, cabeça erguida, olhar altivo, assemelha-se a um rei entre os vassalos.

Seus músculos rijos mostram uma fôrça irresistível. Na luta, os movimentos arrojados deixam-nos ver uma agilidade assombrosa.

Em casos de perigo, reune a boiada e caminha de um para outro lado, inquieto, urrando ameaçador, e, escavando o solo, disposto a defender-se de qualquer ataque.

É rebelde. E contraria por vêzes a vontade do homem. Tal como êste: Em certa fazenda existia um touro, talvez o mais belo, que já vi. Era um animal magestoso. Vindo do sertão ha poucos dias, trazido quasi a fôrça bruta, no meio do gado.

Durante a viagem era objeto de uma vigilância tenaz da parte dos vaqueiros.

Chegado à fazenda, logo o puzeram em um curral por alguns dias. Mas o touro, indignado com tal prisão, esbravejava. Atirava-se com fúria contra a cêrca. Um dia, num ímpeto de indignação, arrombou a porteira e saiu do curral respirando com liberdade o ar puro de uma manhã de sol. Agora, livre, tinha pelas costas a maldita prisão. E a sua frente descortinava-se a extensa e verdejante pradaria, que agitada pela brisa fresca convidava-o para, em saltos e escaramuças, desabafar a imensa revolta que lhe ia no íntimo.

Por um momento estacara-se o nobre animal, contemplando aquele cenário desconhecido para êle.

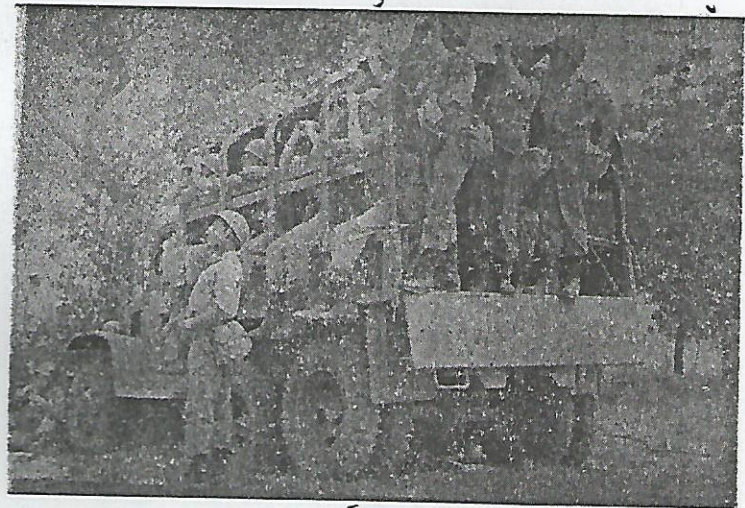
Recordava-se do sertão nativo, do pasto viçoso que lá tivera, e das correrias que dava pela extensa pradaria a perder da vista. Como sentia saudades de tudo, quanto lhe fazia recordar a terra natal. Talvez, quem sabe, nunca mais lá voltasse.

Depois, num movimento decidido, sacudiu a cabeça, como que, para afastar de sí aquela recordação que lhe atormentava. E, como um raio, desapareceu pela campina em carreira vertiginosa, deixando para traz uma nuvem de pó, que se perdia aos céus.

Rei dos sertões, é o touro, no entanto, para servir ao homem. Ao seu domínio curva-se também o leão, rei das selvas inabitadas; curva-se também a águia, rainha das alturas incomensuráveis. Rei da creação, o homem deve mostrar em sua vida essa tríplice realeza. Deve ser rei na sociedade - pelo seu coração, servindo e fazendo o bem; deve ser rei na floresta selvagem de seus instintos, dominando, com a fôrça de sua vontade, as suas más paixões; deve ser rei nas alturas, dominando pelos vôos sublimes de sua inteligência, as mais elevadas culminancias do ideal.

Rei pelo seu coração, rei pela sua vontade, rei pela sua inteligência, mas rei também para servir a Deus, Soberano do Universo. E assim se resume tôda a sua realeza.

«Servire Deo regnare est»

ALUNO N°. 452
José Camurça de Oliveira
BATERIA DE ARTILHARIA

No observatório

Instrutor: Aluno João, se o tiro cae além do alvo, isto é, se é longo, que fará você?

Aluno: O inverso, encurto a alça.

Instrutor: Se cae à direita?

Aluno: O inverso, corrijo a deriva para a esquerda.

Instrutor: E se a peça atirar e você não vir onde caiu o tiro, que fará?

Aluno: O inverso, Tenente.

Instrutor: ???

Aluno: Não atiro e observo o novo tiro!

O VELHO LOBO DO MAR

conclusão

homens e não as queria conhecer, pois em seu navio todos eram coêsos, todos eram unidos, todos os perigos juntos enfrentavam, sempre com um sorriso nos labios.

Todos esses pensamentos passavam como um ciclone na sua mente. Uma grande saudade alojava-se no seu coração e com tristeza despertou para a realidade.

O que fôra e o que é! Agora a velhice chegara, trazendo-lhe amarguras. Por causa dessa velhice fôra tirado do seu mundo e separado dos seus melhores amigos. Fôra obrigado a procurar refúgio nesse mundo que tanto desprezava, trocando o seu paraíso por esse inferno. Nada mais restava do tipo de homem que fôra

A sua pele rija que era, tornou-se um monte de peles, o seu andar oscilante desapareceu, dando lugar, a um andar trôpego e vacilante; os seus cabelos negros desapareceram e em seu lugar apareceram cabelos brancos, os musculos se relaxaram e o seu corpo que era elegante, tornou-se curvado pelo pêso da vida.

Em tempos idos, fôra um homem e agora era um farrapo humano. Para nada mais tinha validez; o seu corpo morrera, entretanto seu espírito conservava-se vivo, jovem e aventureiro. Tudo desaparecera, mas o espírito não

A única distração que tinha era o mar.

Todos os dias sentava-se à beira do cais contemplando a sua verdadeira vida, o seu passado, o seu grande tesouro. Contava a sua história, as suas aventuras e quando via um marinheiro no seu afã cotidiano, a inveja despertava-se no seu espírito, lembrando-se da vida passada, vida cheia de aventuras e felicidades.

ELETRICIDADE

CAP. ANTONIO LUIZ MORAES FILHO
INSTRUTOR CHEFE DA ENGENHARIA

1—Desde os mais remotos tempos os investigadores estudaram os seus efeitos. Assim Tales de Mileto realizou a experiência em que o ambar amarelo friccionado pelo pano de lã atraia pequenos corpos colocados em sua presença (600 anos A. C.), provando assim a sua existência. Ambar=Eletron.

A Eletricidade, embora sendo um agente físico, não se deixa perceber aos nossos sentidos senão por meio de ações e fenômenos, que produz, dando-lhe o carater de um ente que obedece a certas leis inequívocas e reconhecendo-lhe uma existência real, ligada à estrutura da matéria da qual toma parte integrante.

Não sendo, pois visivel pelo olho humano, nem com auxílio dos mais modernos instrumentos, entretanto a sua existência se torna evidente pelos seguintes efeitos:

a—circulando em qualquer meio produz calôr—ex.: torradeira elétrica.

b—circulando numa bobina produz efeito magnético – idêntico iman permanente em forma de ferradura.

c—circulando através dum líquido – produz reação química.

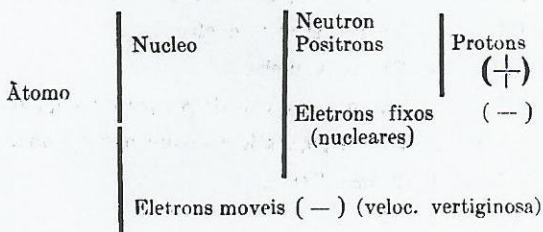
d – circulando através do corpo humano—produz choque.

2—Constituição da matéria.

Como disse, faz a eletricidade parte integrante da matéria que a Física a estuda composta de moléculas (com espaços intermoleculares correspondentes) e a Química a estuda subdividindo as moléculas em átomos (com espaços interatômicos correspondentes) e que também não podem ser observados pelo olho humano. Os cientistas calculam que o átomo meça apenas 2 a 5 milionésimos de mm e as análises químicas revelam que existem 92 corpos simples, isto é, 92 elementos formados de uma só espécie de átomo e que combinadas, entre si, vão formar os inúmeros compostos existentes na natureza.

3—Constituição dos átomos—Teoria atômica

Os átomos, segundo a teoria, são formados por uma série de corpusculos de 3 classes distintas. Na parte central há uma reunião dos corpusculos das 3 classes, na qual está concentrada quasi toda a massa do átomo.

- Átomo
  - Nucleo
    - Neutron
    - Positrons — Protons (+)
    - Eletrons fixos (nucleares) (—)
  - Eletrons moveis (—) (veloc. vertiginosa)

Alguns autores consideram o neutron=1 proton + 1 eletron fixo.

Observa-se: – igual numero de corpos positivos e negativos.

– os eletrons móveis mantêm-se em suas órbitas eliticas devido ás forças de atração e centrifuga.

A massa dos eletrons é muito reduzida, calculando se ser 1840 vezes menos que a do neutron.

Os 92 corpos simples têm distinta quantidade de eletrons móveis, a qual corresponde sua colocação na escala de pesos atômicos. Assim o hidrogênio tem 1 só eletron livre, o hélio tem 2 e assim sucessivamente até chegarmos ao urânio que tem 92.

Quando há muitos eletrons móveis as órbitas se dispõem concêntricas.

Uma nota interessante publicada na parte de informações cientificas do Diário de Noticias de 20-II-51 é a seguinte: – «Depois de emitir 3 átomos de hélio e vários eletrons, o urânio transforma-se em rádio. Este prosegue o processo de transformação: emite gás, radiações radio—ativas e 5 átomos de hélio depois do que se transforma em chumbo.

O chumbo assim obtido difere do chumbo ordinario por apresentar diferença de peso atômico pelo que se denomina chumbo-urânio».

4—Eletrização do átomo

Se, por qualquer meio (por ex fricção ou aquecimento) adicionarmos ou tirarmos eletrons de um átomo verifica-se o rompimento do equílibrio entre os seus corpúsculos de eletricidade, posto que haverá então maior número de eletrons ou de protons, ou ainda a carga elétrica dum sinal será maior que a outra. Haverá excesso de eletricidade positiva ou negativa. O átomo torna-se eletrizado e manifesta propriedades elétricas

tomando o nome de ION | Cátion (mais protons) / ânion (mais eletrons)

O átomo eletrizado tratará de romper o equilíbrio, expulsando os eletrons excedentes ou incorporando os que faltam dando origem ás forças elétricas de atração e repulsão.

O estado neutro corresponde a que todos os átomos têm igual quantidade de cargas dos 2 sinais que se neutralizam entre si não revelando propriedades elétricas externas.

Um conjunto de átomos ionizados formam um corpo elétrico, cujas propriedades e efeitos se estudam em Eletrostática.

A eletrização pode tomar qualquer dos sinais segundo se haja produzido por excesso ou falta de quantidade de eletrons em cada átomo.

A forma de eletricidade que se manifesta comumente é a formada pelo estado livre dos eletrons que hajam saido de suas órbitas a qual chamamos eletricidade negativa.

Esse movimento dos elétróns só cessará quando se restabelecer o equílibrio eletronproton entre os átomos e constitue praticamente a corrente elétrica.

Então podemos distinguir 2 fenômenos distintos:
a) dos átomos eletrizados que formam os corpos elétricos cujo estudo pertence ao domínio da Eletrostática (situação de desiquilibrio—ex.: mão e pele de gato depois de friccionadas).

b) O movimento dos eletrons livres que corresponde á Eletrodinâmica (ex.: centelha que salta da mão para a pele de gato; pêndulo elétrico—bastão de vidro)
Dessas considerações e experiencias podemos deduzir as leis fundamentais da eletricidade: | cargas semelhantes se repelem / cargas contrárias se atraem

5 Massa elétrica. Quando se estuda um agente físico, consideramos suas propriedades e efeitos e para valoriza-lo se deve introduzir o conceito de quantidade.

ex: matéria massa (gr) medir=comparar. A eletricidade tem pois que ser medida e a unidade escolhida para comparação foi o coulomb que corresponde a $6{,}29 \times 10^{18}$ eletrons, tendo em vista que a menor quantidade de eletricidade possivel é o eletron

Os cientistas chegaram á conclusão que um eletron pesa $0{,}9 \times 10^{27}$ gr. massa que é uma quantidade absolutamente imponderavel.

6=Corpos bons e maus condutores.

A maior parte dos eletrons existentes na matéria faz parte dos âtomos, no entanto é possivel a existencia de eletrons em estado livre, isto é, fora dos átomos. Os eletrons livres existem em quantidade variável nos gases, líquidos e sólidos, porem são muito mais numerosos em certas substâncias que em outras.

A causa aparente é que os eletrons livres estão continuamente em estado de movimento ou de afitação, procurando uma afinidade com uma carga positiva; desde que se use algum meio para atraí-los ou repelí-los em quantidade resultará disto um fluxo de eletrícidade. Existem muitos meios materiais de conseguir esse movimento de eletrons e é esta existência dos eletrons livres que torna possivel o fluxo elétrico.

Daí, de acordo com esse fluxo teremos corpos bons e maus condutores de eletricidade ou ainda condutores e isoladores. Ex.:

Substâncias inorgânicas	condutores - metais e acidos
	isoladores - metalóides e óxidos
Substâncias orgânicas	condutores - de origem animal
	isoladores - de origem animal

É preciso levar em conta, porém, que a qualidade condutora ou isoladora não é absoluta, porque não há corpos que não opõem nenhuma dificuldade à passagem da corrente elétrica, nem os que não permitem, de maneira alguma, a sua passagem.

Os corpos bons condutores, quando eletrizados, deixam dissipar rapidamente a eletricidade, que adquiriram, ao contràrio dos maus condutores.

7—Formas de eletrização

a—Por atrito ou fricção:

facilita o intercambio de eletrons; o mais condutor adquire cargas elétricas negativas e o mais isolador adquire cargas elétricas positivas,

Ex: bastão de vidro - positivo; pano - negativo.
Tem influência na eletrização o estado da superfície do corpo, bem como a temperatura e a humidade do meio ambiente.
Ex.: vidro brilhante - positivo; - negativo

b - por contato.

Ao pormos em contato um condutor eletrizado com um outro não eletrizado poderemos observar que a eletricidade do primeiro se escoará para o segundo.

c—Por influência.

Ao aproximarmos um corpo eletrizado positivamente de um outro em estado neutro verifica-se que a parte do segundo mais próxima do primeiro fica carregada de eletricidade negativa.

Essa experiência pode ser verificada por intermédio da bola de sabugueiro.

8—Sentido do fluxo elétrico.

Na prática considera-se que a eletricidade se movimenta no sentido (+) para o (-), isto é, que a força externa que obriga os eletrons a se moverem começa no polo positivo, percorre o condutor e termina no polo negativo. Todos os instrumentos, máquinas elétricas são construidos considerando que a eletricidade vá do positivo para o negativo e seus terminais são assim marcados:

Positivos (+) — vermelho; Negativos (—) — sem pintura.

Quando ligamos um aparelho devemos fazê-lo de tal maneira que a corrente entre pelo terminal positivo e saia do aparelho pelo negativo.

9—Resistência

Como já foi dito todos os corpos, embora bons condutores oferecem uma certa resistência à passagem da corrente elétrica, logo essa resistência se encontre nos condutores e nos demais elementos do circuito.

Nos condutores essa resistência depende:

Do material, do comprimento, da secção transversal e da temperatura do condutor.

Nos demais elementos do circuito depende dos fatores citados e se encontram nesses elementos.

Unidade de resistência elétrica — Ohm

10—Pressão elétrica.

É a força externa que impulsiona os eletrons através dos condutores. É também chamada f.e.m., diferença de potencial ou voltagem.

Unidade - Volt.

11—Corrente elétrica. INTENSIDADE.

E' o movimento dos eletrons através de um condutor ou número de eletrons que circula num condutor por segundo. Unidade—Ampére.

12 Analogia hidráulica.

Os fenômenos que se passam em eletricidade assemelham-se, de certo modo, aos que se dão em hidraulica — Assim:

13—Aplicação da eletricidade

a - Na moto-mecanização
- equipamento elétrico das viaturas
- orgãos de inflamação
- aparelhos de ensaio
- máquinas
- rádios, megafones, etc.

- Rádio
- Telefone
- Telegrafo

b - No Exército Moderno
- Teletipo
- Aparelhos óticos
- Máquinas
- Radar
- Bomba atômica
- Aparelhos elétricos de controle
- Televisão (futuramente) etc.

Daí a grande importância do seu estudo.

14 - Questionário

I—Citar os 4 efeitos da Eletricidade.

II—Citar as leis de atração entre os corpos.

III—Que entende pelo termo condutor?

IV—Que entende pelo termo isolador?

V—A eletricidade estática é empregada usualmente?

VI—Qual a diferença entre Eletricidade estática e dinâmica?

VII—Deve ser o polo positivo de uma máquina elétrica ligado ao polo positivo ou ao negativo da f.e.m.?

VIII—A resistência de um condutor depende de quais fatores?

IX—Quais são as unidades de resistência, pressão e corrente elétrica?

X—O que é pressão elétrica? Quais são os outros nomes que lhe dão?

ENGENHARIA — A ARMA DO TRABALHO

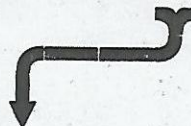
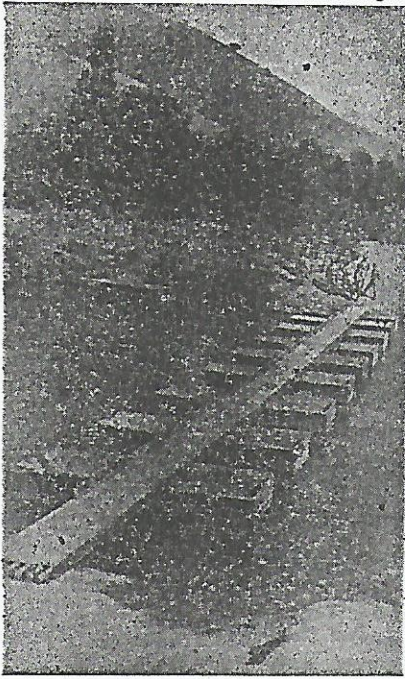
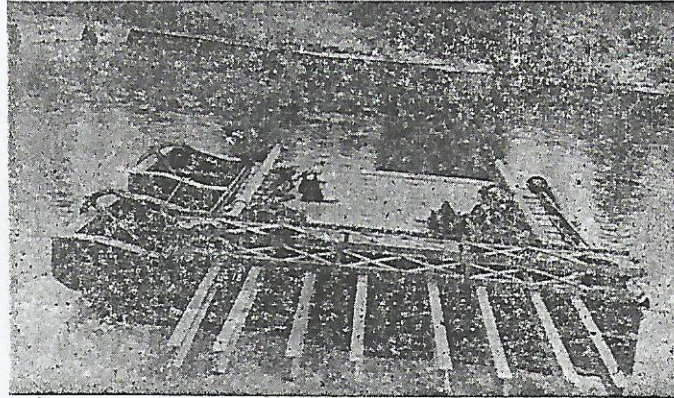
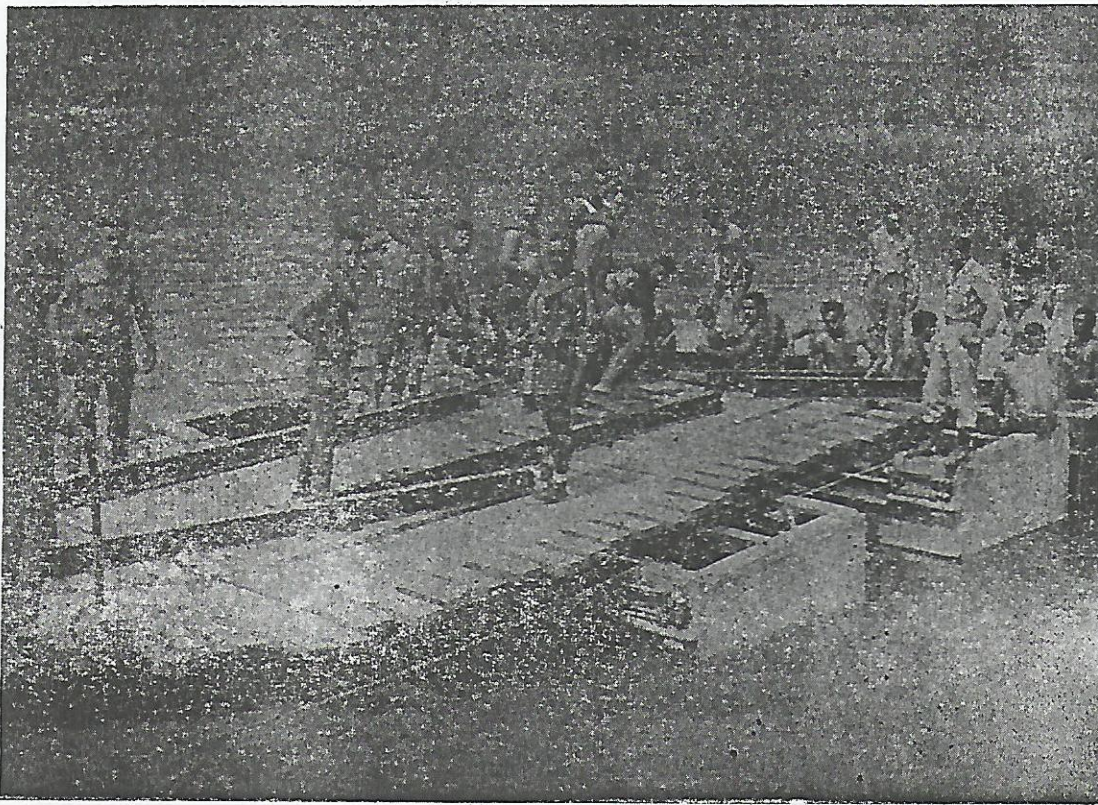
Vencendo a correnteza dos traiçoeiros rios ou trabalhando perigosamente nos campos de minas, sempre na vanguarda junto com os elementos mais avançados, encontra-se sempre o Engenheiro.

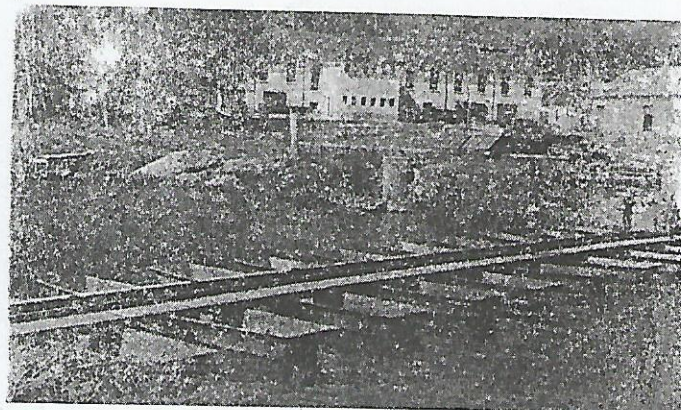
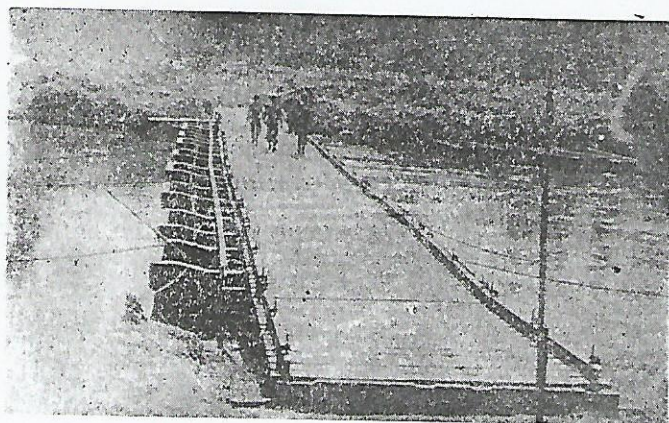
Não são estas, porem, as suas únicas missões pois, varias outras, não menos perigosas, são igualmente desempenhadas pela Engenharia cujo valor e inegualavel capacidade de trabalho, contribuem de modo decisivo para a vitória.

É o pontoneiro que constrói a ponte sobre a qual "passa a coluna em busca da vitória" É o sapador-mineiro, que rasgando a terra muitas vezes virgem, fazendo abrigos, lançando ou removendo as perigosas minas, constróe a "estrada do triunfo e da vitória".

Preparando-se para o desempenho de suas multiplas funções na guerra, os alunos da Engenharia trabalham diariamente nos mais variados mistéres ao mesmo tempo que, graças às complexas e numerosas matérias do seu curso, cada dia mais fazem jús ao titulo de "gagás" como são chamados pelos companheiros das outras armas.

E entre o estudo e o trabalho vive o Engenheiro, sempre vibrando pela sua Arma, tão nobre, tão decisiva quanto as suas irmãs.

DOIS FLAGRANTES DE UM EXERCICIO DE TRAVESSIA A VIVA FORÇA EXECUTADO PELA ENGENHARIA DA ESCOLA.

Sobre o Rio Itajubá vê-se mais uma passadeira construida pelos Alunos da E. S. A.

OUTRO TRABALHO EXECUTADO PELA CIA. DE ENGENHARIA EM ITAJUBÁ

Durante uma jornada de pontes a nossa reportagem surpreende os Engenheiros em pleno trabalho de construção de uma ponte sobre o Rio Verde.

TERMINADA A PONTE SOBRE O R'O VERDE
OS ENGENHEIROS POSAM ORGULHOSOS
JUNTO À SUA OBRA MAGNIFICA

DOIS ASPECTOS DOS EXERCÍCIOS DE CONSTRUÇÃO DE PONTES E PASSADEIRAS REALISADOS EM ITAJUBÁ PELA CIA. DE ENGENHARIA

ALGUMA DÚVIDA?

CHARGE DO ALUNO CARLOS AUGUSTO

I

Quem me vê nêsse momento
Todo bacana, Sargento
Exibindo meu diploma,
Ha de pensar lá consigo:
Foi tão fácil meu amigo!
A mim você não embroma!

II

Entretanto quem quizer
Ver se é mesmo "de colher"
O curso que fiz agora
Que venha experimentar
A casca dura quebrar
De um ovo que, às vezes, góra!

A PATRULHA

Pelo aluno
José de Vasconcelos Duarte

Havíamos chegado à sala de aula há dez minutos, se muito.

O instrutor, com voz pausada e firme, discorria prazeirosamente sôbre o assunto programado

O silêncio reinante estava impregnado pela adocicada temperatura de uma região previlegiada

Sentia-se perfeitamente que todos os alunos davam ao Instrutor,=Capitão Ribamar=a certeza de que os seus esforços e a sua capacidade de transmitir os conhecimentos tecnicos da lide militar, eram bem compensados.

Tinha o Cap. Ribamar uma caracteristica própria.

Diferentemente dos seus colegas do Corpo Docente, iniciava sempre as suas aulas, = após uma rápida motivação = fazendo arguições antes mesmo de explanar o assunto. Nunca houve de nossa parte o que se poderia chamar de descontentamento. mas, terminadas as aulas, surgiam entre nós acalorados debates sôbre os efeitos de tal sistema de ensino, "sui-generis". De pouco em pouco ficamos convencidos de duas cousas importantes. Uma delas é que nos libertávamos daquele torpor invencível que nos fazia cabecear, principalmente depois da sesta do almoço. Outra, consequência natural da primeira, é que os sentidos nossos se tornavam como que imantados para atrair o desconhecido, predispondo-se para uma mais rápida e duradoura fixação dos conceitos emitidos.

Entre os instruendos porém, havia o Cláudio.
Robusto e de estatura razoável. Seus músculos, bem proporcionados eram dispostos com primor atlético. Enfim, um conjunto físico harmonioso e quasi soberbo.

Trato afável, não se insurgia quando alguem lhe endereçava uma piada ou chalaça. Não era propriamente humilde. Bastante retraido apenas.

Não se podia dizer também que era um elemento apático ou preguiçoso, pois nas mais renhidas competições esportivas era sempre nele que se polarisavam as atenções e esperanças e, em inúmeros prélios, salvou a reputação de sua Arma.

Não era propriamente impermeável aos efluvios da inteligência, mas...

Bem, eis aí em ligeiros traços o perfil do nosso personagem.

Acresço ainda que invariavelmente podiamos aplicar-lhe a seguinte proporção: O máximo de nossa atenção e cuidado com os assuntos de aula estava para um ligeiro cochilo de Cláudio assim como um micro-desvio de nossa parte estava para um sono tranquilo e profundo do "de cujos".

E assim, naquele dia, o Cap. Ribamar ja havia feito uma série de "tiros de inquietação" anunciando a êsmo o nome de alguns de nós, e, a certa altura mencionou o Cláudio; houve um breve momento de espectativa e logo após localisamo-lo em posição de sereno repouso, completamente mergulhado nos vastos dominios de Morfeu.

O que se seguiu foi para nós como se a Artilharia houvesse desencadeado uma barragem de fogos.

O Capitão, que normalmente era compreensivo e tolerante, naquele instante foi tomado de um sentimento inopinado, falando seguidamente dos defeitos e do desinteresse do faltoso, esgotando assim quasi o tempo da aula.

Realmente, não só o Capitão, que estava de pouco tempo na Escola, como tambem nós, sabiamos que o Cláudio era repetente e sua última oportunidade era ser aprovado juntamente conosco, mas, suas notas de exames oscilavam sempre nos níveis mais ínfimos.

Dias depois eu tive ocasião de abordá-lo e me dispus a tirá-lo do seu mutismo e mistério. Sem relutância ele fez desfilar deante da minha curiosidade uma série de insucessos ocorridos no seio de sua familia.

Primeiro os seus pais foram vitimados num desastre; depois a consequênte miséria que fez ruir o lar sem esteios. E não obstante tudo isso ele sentia, a despeito das aparências, uma grande vontade de servir a Pátria.

Fiquei sobremodo impressionado.

Como se fôra num verdadeiro passe de mágica, à minha natural emoção somou-se uma necessidade intuitiva de substituir o meu silêncio por palavras orientadas no sentido de que tivessem um destino apropriado, concreto, construtivo.

Escoada uma pausa de segundo, que mais nos pareceu com a espectante jornada de uma disciplinada Patrulha a sentir a respiração do inimigo, iniciei a minha exortação Falei-lhe com absoluta cordialidade, conseguindo convencê-lo antes de mais nada. a cumprir sua própria finalidade para tambem fazer jús da maneira mais sensata, razoável e elevada à memória de seus falecidos pais.

Entre outras coisas, lembro-me vagamente de ter afirmado a simpatia com que nós o encaravamos. Parece tambem, que abordei um tema em que falava de atavismos ou qualquer coisa semelhante.

Tudo isso foi aí pelo ano de 1940; em dezembro, no encerramento de atividades letivas, a Infantaria, - nossa arma - excepcionalmente se alegrou toda, pois que naquele ano não saiu ninguem reprovado.

* * *

O tempo foi passando e o mundo todo se degladiava desde os nossos dias de Exercicios de Combate, até que a nossa Pátria teve que enviar uma bem aparelhada Força Expedicionária para alem-mar.

Eu servia então, ja como 2.o Tenente QAO numa seção do Estado Maior. Razões diversas fizeram com que eu perdesse o contato com diversos ex-colegas da saudosa Escola.

Numa tarde porem, em que mal acabava de sentar-me à mesa de trabalho, chegou-me um "praça" com um envelope, entregando-mo.

Abrí-o. Dentro, somente, um pequeno retangulo de papel impresso, destacado de um bloco modêlo M - 210, tinha o seguinte, como caricatura de u'a mensagem:

Para "Gauchinho"

mensagem n.° 1 — alemães inquietos presença Pracinhas.

a cobra fumará até a última fumaça.

(a) 2.° TEN. "Andorinha".

Não sei como a censura deixou passar tal correspondência que guardo ainda com caloroso respeito. Sei porem que um mês apenas era decorrido e a imprensa toda vibrou com "manchettes" pomposas alardeando a bravura do Ten. Claudio Nunes que à frente de um punhado de heróis conseguira desmoralizar uma Cia. inteira e fazer inúmeros prisioneiros, nos campos de luta da Italia.

E' claro que para mim essas noticias não passavam de mensagem n.° 2 do meu saudoso colega "Andorinha", que mesmo repousando em Pistóia estará sempre presente à memória de quantos com ele privaram e sentiram a sua alma simples e grandiosa.

... Nem sempre os últimos serão os últimos, nem sempre os primeiros serão os primeiros.

O leitor nos ajuda

Do Sr. Ibyrá Costa, alto funcionário da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, recebemos atenciosa e entusiástica missiva juntamente com um exemplar do "Diario Popular", edição do dia 17 de Julho de 1951, que se edita naquela progressista cidade gaúcha.

Amigo da ESA e de sua Revista, como confessa o missivista, e na sua qualidade de militar reformado e de pai de um de nossos alunos, não lhe passou despercebida uma notícia publicada por aquele jornal, como por varios outros do Brasil, sobre o decreto assinado pelo Presidente da República concedendo a medalha de distinção de 2.a classe ao Cabo Aluno da ESA, Milton Costa, que, num gesto de desprendimento e heroismo, atirou-se às águas do traiçoeiro Rio Verde para salvar uma jovem prestes a se afogar.

O interêsse tomado pelo Sr. Ibyrá Costa muito sensibilisou a direção desta Revista pela valiosa colaboração que nos prestou ajudando-nos a difundir os feitos de nossos alunos bem como permitindo-nos fazer chegar a todos os Corpos de Tropa do Brasil, atravez das páginas de "A E. S. A." a repercussão causada no mais longínquo extremo ponto do Sul de nossa terra por este ato meritório praticado pelo aluno Milton Costa

Que a atitude do nosso leitor e amigo Sr. Ibyrá, seja um exemplo a ser seguido por todos os nossos leitores e que dos mais afastados rincões desse tão vasto Brasil, nos enviem suas impressões e suas dúvidas sôbre a nossa Escola, bem como enriqueçam a nossa Revista com fotografias ou dados que nos permitam difundir as belezas sem par de nossa terra, os encantos de nossa fauna, e de nossa flora, a marcha do progresso de suas cidades e os aspectos interessantes de seus quarteis.

Esta Revista, caro leitor, vae a todos os pontos do Brasil onde exista uma guarnição militar, por pequena que seja.

AÍ VEM O EXÉRCITO

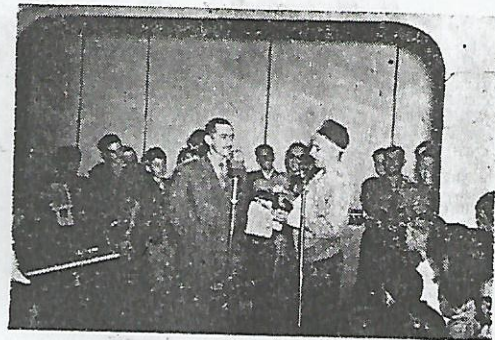
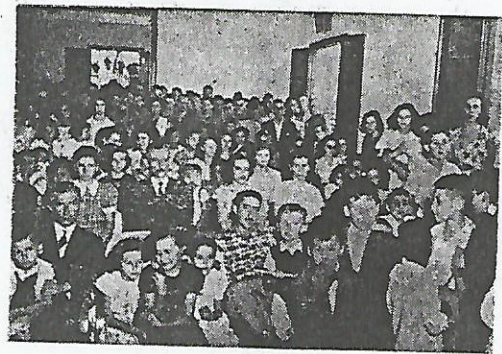
Com o título acima a ZYK-6, Radio Clube de Três Corações, leva ao ar todos os Domingos, das 11 ás 12 horas, um animadíssimo programa de auditório, já famoso em todas as cidades do Sul de Minas.

É este programa, apresentado desde Agosto de 1950, um animado «show» organisado e interpretado por elementos da Escola de Sargentos das Armas.

Escrito e dirigido pelo Cap. Ivanildo, oficial do Serviço Especial da ESA, o programa tem apresentado verdadeiras revelações entre os Sargentos, Alunos e Soldados que, juntamente com rapazes e moças da sociedade Tricordiana, desfilam pelo microfone da K-6 para alegria de um auditório seleto e sempre superlotado.

Inicialmente irradiado no próprio auditório da Radio Clube local, é hoje o programa transmitido diretamente do palco do Cine Sta. Cecilia, a maior casa de espetáculos da Cidade que fica completamente repleto todos os Domingos.

Ótimos cantores, um afinado Regional, a orquestra da ESA magnificamente atuando, são as principais atrações do programa, alem do conhecidissimo «Recruta Serapião», interpretação do radialista local «Zé Minhoca», que com suas «anjadas» e alterações faz vibrar o auditorio ha 16 mêses.

Para o sucesso que alcançou o programa da ESA, duas contribuições valiosíssimas encontrou a Escola, como sejam a utilização do Cine Sta. Cecília gentilmente cedido pelo seu proprietário, Sr. Inácio Resck, e o apoio incondicional que nos tem prestado o Sr. Jorge Avelar, diretor da ZYK-6 bem como todos os artistas e funcionários desta Emissora.

O «Recruta Serapião» sempre alterado e voador arranca bôas gargalhadas ao auditório.

O Auditorio da ZYK-6 antes, e agora o maior cinema da cidade ainda são pequenos para o número de admiradores do programa.

Quebra-Cabeças

PROBLEMA Nº. 1

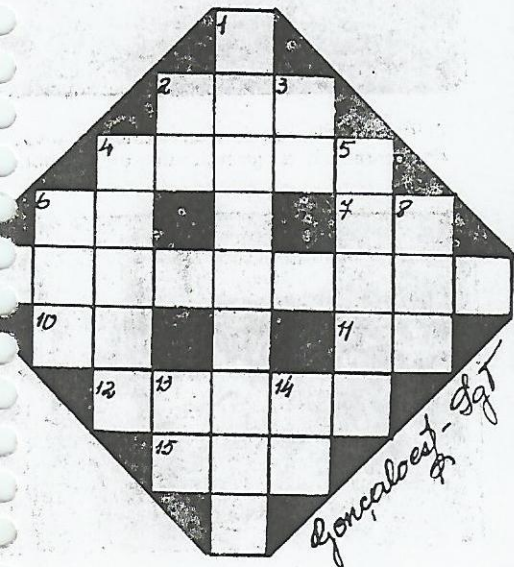
Palavras Cruzadas

Sgto. Francisco Gonçalves da Silva

HORIZONTAIS

2 — Lista
4 — Homem desprezado ou repelido pelos outros
6 — Graceja
7 — Interjeição designativa de suspensão
9 — Nome de uma famosa baia brasileira
10 — Fluido transparente e invisivel, que forma a atmosfera
11 — Símbolo do Rádio
12 — Recorre da decisão de um tribunal inferior para outro superior
15 — Árvore santomense, de raiz medicinal

VERTICAIS

1 — Capital de um dos Estados do Brasil
2 — Batráquio
3 — Símbolo do Lítio
4 — Bando de animais; multidão de gente
5 — Ligara, cingira com cordão, fita, etc., apertando
6 — Caminho ladeado de casas, numa povoação
8 — Lugar de sacrificio
13 — Letra grega
14 — Nota musical

ORIZONTAIS E VERTICAIS

gradecido

quenos quadrúpedes roedores

qules que não crêm na existência de Deus.

gno do Zodíaco

rte dura e sólida que forma o arcaboiço do corpo dos animais rtebrados (plu)

Sgt. Gonçalves

Problema N.º 2

Sgto. Francisco Azevedo Cavalcanti

HORIZONTAIS

1=O mesmo que pá
3=Duas pessoas que dansam juntas
6=O lado do vento
7=Traje para atos solenes
8=Edificar, levantar
9=Com grande trabalho ou sacrifício
11=Grito de dôr
12=Raiva
13=Que causa tristeza. Triste
14=Sacerdotes
15=Artigo Plural
16=Perfume agradável, fragância
17=O mesmo que arão

VERTICAIS

1=Gritaria, Clamor
2=Cada um dos pontos opostos de um imã
3=Igual
4=O mais
5=Jubiloso, esplendoroso
7=Lingua antiga do país de Gales
9=Acolhimento, proteção
10=Lavrar, navegar
11=Impedir, atrelar
13=Variedade de azeitona. O mesmo que negral

Nota: Com referência ao n.º 12-H, no desenho é encontrado uma seta a qual indica que a palavra é invertida

Consulta: Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa - Cândido de Figueiredo

PROMOÇÃO A SARGENTO

Data anciosamente esperada é o dia da promoção a Sargento, uma vitória alcançada pelo Aluno que neste ponto inicia a segunda parte do seu curso, aquela que lhe trará mais trabalho e maiores responsabilidades: o Aperfeiçoamento.

Em uma cerimônia simples porém bastante expressiva, receberam os Alunos do Curso de Formação as suas divisas.

Dando cumprimento ao programa elaborado foi lido um boletim especial tendo em seguida usado a palavra o Cel. Lage Sayão, Comandante da Escola que, cumprimentando os novos Sargentos exaltou-os a redobrar os esforços a fim de que todos chegassem ao objetivo final conquistando o tão ambicionado diploma.

Em seguida o nosso Comandante cumprimentou os melhores alunos das diversas Armas os quais, em seguida, receberam suas divisas das mãos dos Instrutores-Chefes dos diversos cursos.

Encerrando a solenidade o Corpo de Alunos desfilou em continência ao Comando.

O ANO ESPORTIVO

TORNEIO EXTRA DE FUTEBOL

Todos os anos o Departamento de Educação Física da Escola faz realizar, logo no início do período de instrução, um tornêio de mostra de Futebol entre os quadros das Armas, a representação dos Sargentos e a equipe de soldados do Contingente, com o fito de selecionar os atletas necessários à formação do selecionado da Escola. Este ano o "Torneio Extra" teve um brilhantismo invulgar e deu margem à seleção dos atletas que integraram as três equipes do futebol que representaram a Escola no Campeonato Municipal de Três Corações, a saber: o "Riachuelo Esporte Clube", formado pelos Cabos e Soldados do Contingente, o "Montese Clube" todo formado de Sargentos da ESA e da 13.a C. R. e a equipe do 'Grêmio da ESA", constituida pelos alunos e que brilhantemente levantou o campeonato local numa jornada brilhante em que sofreu apenas uma derrota, frente ao "Riachuelo".

O Torneio extra de futebol da ESA apresentou o seguinte resultado:

1.° JOGO:—

Cavalaria	2	x	Sargentos	0

2.° JOGO:—

Cia. de Cmdo	1	x	Artilharia	0

3.° JOGO:—

Infantaria	4	x	Engenharia	0

4.° JOGO:—

Cavalaria	1	x	Cia. de Cmdo.	0

FINAL:—

Infantaria	3	x	Cavalaria	1

O quadro da Infantaria, campeão do Torneio

Os vices-campeões do Torneio foram os alunos da Cavalaria

A equipe dos Sargentos monitores da Escola que disputou o Torneio

Uma fase do jogo em que a Infantaria eliminou a equipe da Engenharia

O quadro de futebol da Cia. de Comando e Serviços

Campeã: Infantaria

Perez, Oliveira, Dietiker, Sarmento, Anvéres, Acirahy, Andrade, Martins, Ney, Rodrigues e Arens

Orientador: Cap. Jacinto

Vice-Campeã: Cavalaria

Marcadela, Pires, Veloso, Freire, Jesus, Severo, Andrade, Bolzan, Nadir, Penha e Diniz

Orientador: Cap. Ivanildo

CAMPEONATO OLIMPICO

Mais uma vez foi disputado o Campeonato Olímpico da ESA, êste ano levantado de maneira invulgar pela Infantaria que, retomando à Cavalaria, campeã de 1950, o bronze simbólico, nele inscreverá, pela segunda vez, mais uma vitória da "Rainha das Armas".

Coube ainda à Infantaria, contar entre os seus atletas com o mais destacado entre todos os atletas que participaram do Campeonato Olímpico dêste ano.

O título de melhor atleta da ESA, no presente ano, foi conferido ao 2.° Sgto. Aluno José Aldo do Nascimento que, além de integrar tôdas as equipes da Infantaria no Torneio de jogos, destacou-se individualmente levantando as provas de 400 mts, revezamento 4x400, obtendo o 2.° lugar na corrida de 3.000 metros e vencendo a prova de 1.500 metros ao mesmo tempo que superava o record da Escola nesta prova.

Durante o ano o Sargento Aluno Nascimento integrou a equipe de futebol do "Gremio da ESA" campeã tricordiana de 1951 e, dêste modo, demonstrou ser, no corrente ano, o melhor zagueiro da cidade.

Linhas abaixo transcrevemos o resumo do desenrolar do Campeonato Olímpico da ESA de 1951.

Aspecto do desfile de abertura do Campeonato Olímpico da ESA

CAMPEONATO DE JOGOS

FUTEBOL

Artilharia	4	x	Cavalaria	2
Infantaria	8	x	Engenharia	1
Artilharia	3	x	Engenharia	1
Infantaria	3	x	Cavalaria	1
Cavalaria	3	x	Engenharia	2
Artilharia	3	x	Infantaria	2

1.° lugar - Artilharia - campeã com zero pontos perdidos

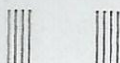
Waldomiro, Helio, Castro, Garcia, Centurião, Hofman, França, Stanley, Nagib, Caputi Alves, Morescky e Pires

2.° lugar - Infantaria com dois pontos perdidos

Perez, Nascimento, Dietiker, Oliveira, Sarmento, Assunção, Acirahy, Andrade, Martins, Diderot, Ney, Rodrigues, Anvéres, Arens, Castilho e Gaspar

3.° lugar - Cavalaria

4.° lugar - Engenharia

O quadro de futebol da Artilharia, campeão Olimpico de 1951

A torcida da Cavalaria, juntamente com o quadro de futebol, prepara-se para entrar em ação.

Foull Martins e Arens, da Infantaria sobre o goleiro da Eng.

VOLEIBOL

Cavalaria	2	x	Artilharia	0
Infantaria	2	x	Engenharia	0
Cavalaria	2	x	Infantaria	1
Engenharia	2	x	Artilharia	0
Engenharia	2	x	Cavalaria	1
Infantaria	2	x	Artilharia	0

Ficaram empatados em 1.º lugar a Cavalaria, Infantaria e Engenharia, havendo necessidade de um «Super-campeonato» que foi levantado pela Cavalaria.

O resultado final foi o seguinte:

1.o lugar: Cavalaria - Campeã: Rosa, Azevedo, Queiroz, Scharbel, Rubens, Ribeiro, Ney, Naercio, Gilson, Freire e Claudino.

2.o lugar: Infantaria.
3 o lugar: Engenharia.
4.o lugar: Artilharia.

BASQUETEBOL

Artilharia	21	x	Cavalaria	11
Infantaria	47	x	Engenharia	20
Infantaria	32	x	Artilharia	25
Engenharia	36	x	Cavalaria	22
Engenharia	18	x	Artilharia	11
Infantaria	64	x	Cavalaria	22

1.o lugar: Infantaria — Campeã:
Anvéres, Arens, Diderot, Oliveira, **Cid, Nascimento e Turibio.**

2.o lugar: Engenharia.
3.o lugar: Artilharia.
4.o lugar: Cavalaria.

RESULTADO FINAL DO TORNEIO DE JOGOS:

1.o lugar: Infantaria — 11,6 pontos
2.o lugar: Artilharia — 8 pontos
3.o lugar: Engenharia — 7,6 pontos
4.o lugar: Cavalaria — 6,6 pontos

A equipe campeã de Voleibol da Cavalaria.

Os Infantes, vice-campeões de Voleibol

O quadro de Futebol que envergou com sangue e tecnica a camisa «celeste» da Engenharia.

Campeonato de Atletismo

100 metros rasos

1.o lugar -- Al. Humberto Martins - Infantaria 11"2/5 (Record)
2.o « — Al. Narciso Cardoso - Cavalaria.
3.o « — Al. Telmo S. da Cruz - Cavalaria.

200 metros rasos

1.o lugar — Al. Adão Maiolino Brum - Cavalaria 24"4/5
2.o « — Al. Stanley Marques - Artilharia
3.o « — Al. Joaquim C. Nunes - Infantaria

400 metros rasos

1.o lugar — Al. José Aldo Nascimento - Infantaria 55"7/10
2.o « — Al. Benedito de França - Artilharia
3.o « — Al. Pedro de Andrade - Infantaria

Corrida de 1.500 metros

1.o lugar — Al. José Aldo Nascimento - Infantaria 4'33" (Record)
2.o « — Al. Santiago de Oliveira - Infantaria
3.o « — Al. Benedito de França - Artilharia

Revezamento 4x100 metros

1.o lugar — Equipe da Cavalaria - 48"; Alunos: Charbel, Narciso, Maiolino e Telmo
2.o « — Equipe da Engenharia
3.o « — Equipe da Artilharia
A Infantaria foi desclassificada.

Revezamento 4x400 metros

1.o lugar — Equipe da Infantaria - 3'56"4/5
2.o « — Equipe da Artilharia
3.o « — Equipe da Cavalaria

Arremesso do peso

1.o lugar — Al. Alzeir Perez - Infantaria - 10.04 m.
2.o « — Al. Helio Rigon - Engenharia
3.o « — Al. João Bonifacio - Engenharia

Lançamento de dardo

1.o lugar — Al. Ruy V. Ghiorzi - Artilharia - 37,81 m.
2.o » — Al. Ney Pereira - Cavalaria
3.o « — Al. Sebastião Garcia - Artilharia

Lançamento de Granada

1.o lugar — Al. Helio Rigon - Engenharia - 64,66 m
2.o « — Al. Ruy G. Ghiorzi - Artilharia
3.o « — Al. Teófilo Jaskulk - Cavalaria

Salto em distancia

1.o lugar — Al. Charbel - Cavalaria - 5,57 m.
2.o » — Al. João A. Squef - Infantaria
3.o « — Al. Cid de Castro - Infantaria

Salto em Altura

1.o lugar — Al. Joaquim Braga - Engenharia 1,64m. (Record)
2.o « — Al. 171 - Cavalaria - 1,64 m.
3.o « — Al. Rui Paulo Arens - Infantaria

Corrida de 3.000 metros

Colocação individual:

1.o lugar — Al. Santiago de Oliveira - Infantaria
2.o « — Al. José Aldo Nascimento - Infantaria
3.o « — Al. José Mafra - Cavalaria

Colocação por equipe:

1.o lugar — Artilharia
2.o « — Infantaria
3.o « — Cavalaria
4.o « — Engenharia

Os instrutores também "dão no couro"

Enquanto os alunos, apresentando um quadro de futebol coêso e poderoso, levantavam o Campeonato da Cidade, os oficiais da Escola treinavam semanalmente para «manter a forma».

Alguns antigos 'cracks' nos tempos de Cadête, outros ainda em plena forma, juntos formaram um quadro bem armado e homogêneo. No «Dia do Soldado» o ponto máximo dos festejos foi um sensacional encontro de futebol entre os Oficiais da ESA e os «Veteranos» de Três Corações. Numa demonstração de classe e fibra os nosssos instrutores levaram de vencida seus adversários pelo significativo escore de 5x1.

O quadro vencedor alinhou no campo os craques da fotografia ao lado, que são, da esquerda para a direita, de pé: Ten. Assis, Ten. Serrano, Cap. Duque, Cap. Germano, Cap. Jacinto, Ten. Magioli, Cap. Cabral e Ten. Nelson; abaixados: Maj. Catunda, Ten. Amadeu, Ten. Apolonio, Cap. Faria, Cap. Edmundo, Cap. Ivanildo.

Torneio de Atletas

Conclusão

RESULTADO FINAL DO CAMPEONATO DE ATLETISMO

1.o lugar	— Infantaria	-	126 pontos
2.o «	— Cavalaria	-	101 «
3,o «	— Engenharia	-	79 «
4.o «	— Artilharia	-	60 «

RESULTADO FINAL

Campeã Olímpica — Infantaria
Vice-campeã Cavalaria
3.o lugar — Artilharia
4.o « — Engenharia

Soluções das Palavras Cruzadas

PROBLEMA N.º 1

HORIZONTAIS

Rol - Pária - Ri - Ta
Guanabara - Ar - Ra
Apela - Iza

VERTICAIS

Fortaleza - Ra - Li -
Piara - Atara - Rua -
Ara - Pi - La.

Horizontais e Vert.

Grato - Ratos - Ateus
Touro - Ossos.

PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS

Apá - Par - Ló -
Gala - Alçar - Caro
Ai - Ira (Ari) - Mesto
Padres - As - Aroma
Aro.

VERTICAIS

Alarido - Polo - Par
Al - Radioso - Gales
Capa - Arar - Atar
Meã.